

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**A CAPACIDADE DE ESTAR SÓ E A PERCEÇÃO DAS
PRÁTICAS PARENTAIS NA ADOLESCÊNCIA**

Daniela Filipa Coutinho Cardoso

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia
Clínica Dinâmica)

2012

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**A CAPACIDADE DE ESTAR SÓ E A PERCEÇÃO DAS
PRÁTICAS PARENTAIS NA ADOLESCÊNCIA**

Daniela Filipa Coutinho Cardoso

Dissertação Orientada pela Prof.^a Doutora Constança Biscaia

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia
Clínica Dinâmica)**

2012

Agradecimentos

À professora Dr.^a Constança Biscaia pela disponibilidade, interesse, incentivo e partilha de conhecimentos. Pela competência profissional e científica, pelas dúvidas que me suscitou e pela orientação na elaboração deste trabalho.

À Escola Secundária de Gil Vicente pertencente ao Agrupamento de Escolas de Gil Vicente, pela autorização da recolha dos dados, em especial à Prof.^a Maria Adelaide Silva pelo interesse, disponibilidade e apoio na recolha.

A todos os adolescentes que participaram no estudo cuja participação era imprescindível para a realização da investigação.

À minha família e namorado pelo carinho, afeto, estabilidade e confiança que transmitiram para continuar esta jornada.

Às amigas Mariana Caldeira, Inês Rocha e Sara Ferreira pelo apoio incondicional e ajuda nos momentos de maior desânimo.

RESUMO

A adolescência é um período do desenvolvimento complexo em que o adolescente sente desejo de autonomia que lhe permita explorar o mundo fora do controlo parental. O desejo de estar só, mas também o receio dessa solidão vivida de forma angustiante (na relação consigo e com os outros) está muitas vezes presente neste período. Na presente investigação procedeu-se à análise da relação entre a experiência de solidão vivida na relação com os pais e pares e o significado que o adolescente atribui à experiência de estar só (aversão e afinidade à solidão) associada à perceção das práticas educativas parentais nas suas dimensões de suporte emocional, sobreproteção e rejeição. A investigação contou com 130 adolescentes com idades compreendidas entre os 14 e 17 anos. Foram utilizados dois questionários, o *Louvain Loneliness and Aloneness Scale for Children and Adolescents (LACA)* adaptado por Bastos, Figueira e Costa (2002) para a população portuguesa e o *Parental Rearing Style Questionnaire for use with adolescents (EMBU-A)* adaptado por Almeida (2005) para a população portuguesa. Foi ainda aplicado um questionário referente aos dados sociodemográficos. A análise quantitativa dos dados foi realizada com recurso ao programa estatístico IBM SPSS versão 1.9, tendo-se evidenciado que mediante práticas parentais de suporte emocional será menor a experiência de solidão na relação com os pais. Como seria de esperar, esta mesma experiência de solidão aumenta se as práticas parentais forem percebidas como rejeitantes. Esta investigação acrescenta ainda que as experiências de solidão nas relações com os pares estão associadas a menores perceções de práticas paternas de sobreproteção.

Palavras-chave: Adolescência, solidão, práticas parentais

ABSTRACT

Adolescence is a period of complex development during which teenagers feel the need for autonomy that will allow them to explore the world outside of parental control. The desire to be alone, but also the fear of that loneliness lived in an anguished way (in the relationship with themselves as well as with others) is often present in this period. In this investigation is analysed the connection between the experience of loneliness lived in the relationship with the parents and peers and the meaning that the teenager gives to the experience of being alone (aversion and affinity to solitude) associated to the perception of the parental educational practices in their dimensions of emotional support, overprotection and rejection. The investigation gathered 130 teenagers between the ages of 14 and 17. Two questionnaires have been used, the *Louvain Loneliness and Aloneness Scale for Children and Adolescents (LACA)*, adapted by Bastos, Figueira and Costa (2002) and the *Parental Rearing Style Questionnaire for use with adolescents (EMBU-A)* adapted by Almeida (2005) for the Portuguese population. It was also used a questionnaire regarding the socio-demographic data. The quantitative analysis of the data was made through the use of the statistical program IBM SPSS 1.9 version, having been shown that through parental practices of emotional support there is a decrease in the experience of loneliness in the relationship with the parents. As expected, this same experience of loneliness increases if the parental practices are perceived as rejecting. This research also adds that the experience of loneliness in relationships with peers is associated with less perception of parental practices of overprotection.

Key-words: Adolescence, loneliness, parental practices.

Índice

Introdução.....	1
1. Enquadramento teórico.....	2
1.1 Adolescência.....	2
1.2 O Comportamento parental.....	5
1.2.1 Estilos parentais e práticas parentais	7
1.3 A solidão	10
1.3.1 Solidão e solidude.....	12
1.3.2 Solidão na relação com os pais e com os pares	13
2. Objetivos e hipóteses.....	18
3. Metodologia.....	20
3.1 Participantes.....	20
3.1.2 Caracterização sociodemográfica da amostra.....	20
3.2 Instrumentos de medida	23
3.2.1 Questionário sociodemográfico.....	23
3.2.2 Louvain Loneliness and Aloneness Scale for Children and Adolescents (LACA).....	23
3.2.3 Parental Rearing Style Questionnaire for use with Adolescents (EMBU-A)	25
3.3 Procedimentos.....	26
3.4 Procedimentos estatísticos	27
4. Resultados.....	28
4.1 Estatística descritiva e análise das diferenças	28
4.1.1 Caracterização dos resultados do LACA (Louvain Loneliness and Aloneness Scale for Children and Adolescents).....	28
4.1.2 Caracterização dos resultados do EMBU-A (Parental Rearing Style Questionnaire for use with Adolescents).....	30
4.2 Análise das correlações entre as subescalas do LACA e do EMBU-A	35

5. Discussão	38
6. Conclusão	45
Referências bibliográficas	48

Índice de Quadros

Quadro 1. Média, Desvio Padrão, Mínimos e Máximos da amostra.....	20
Quadro 2. Características sociodemográficas da amostra	22
Quadro 3. Médias, desvio-padrão, Mínimos e Máximos das médias das subescalas do LACA	28
Quadro 4. Apresentação dos resultados relativos ao Teste <i>Mann-Whitney</i> para o agregado familiar em função das subescalas do LACA	30
Quadro 5. Médias, Desvio-padrão, Mínimo e Máximo das médias das subescalas do EMBU-A	31
Quadro 6. Apresentação dos resultados relativos ao Teste T para a variável sexo em relação às práticas parentais	32
Quadro 7. Apresentação dos resultados relativos ao Teste <i>Mann-Whitney</i> para a variável existência ou não de irmãos em relação às práticas parentais	34
Quadro 8. Correlação de <i>Pearson</i> entre as médias das subescalas do LACA e EMBU-A	35

Índice de Anexos

Anexo I - Frequência e média das idades dos adolescentes em função do sexo	59
Anexo II: Classificação do nível socioeconómico	61
Anexo III: Questionário sociodemográfico	63
Anexo IV: Dimensões do LACA.....	65
Anexo V: Dimensões do EMBU-A.....	68
Anexo VI: Autorização dirigida aos encarregados de educação	71
Anexo VII: Análise das diferenças entre as subescalas do LACA e o sexo dos adolescentes.....	74
Anexo VIII: Análise das diferenças entre as subescalas do LACA e a idade dos adolescentes.....	76
Anexo IX: Análise das diferenças entre as subescalas do LACA e o nível socioeconómico dos pais	78
Anexo X: Análise das diferenças entre as subescalas do EMBU-A ao nível da idade dos adolescentes.....	80
Anexo XI: Análise das diferenças entre as subescalas do EMBU-A em relação ao nível socioeconómico	82
Anexo XII: Análise das diferenças entre as subescalas do EMBU-A em relação ao agregado familiar.....	85

Introdução

O presente trabalho centra-se na compressão da experiência de solidão nas relações com os pais e com os pares e na forma como a solidão é vivida. A adolescência caracteriza-se por um período de desenvolvimento complexo em que o adolescente sente desejo de autonomia e simultaneamente desejo de explorar o mundo fora do controlo parental, que lhe irá permitir adquirir um sentimento de self autónomo e o desenvolvimento da capacidade de estar só.

Estes comportamentos de autonomia tão desejados são também fonte de ansiedade e insegurança pois implicam a separação interna dos pais e investimento em novos objetos. O desejo de estar só, mas também o receio dessa solidão vivenciada de forma angustiante, na relação consigo e com os outros, está muitas vezes presente nesta fase do desenvolvimento. Poder partir só pressupõe sentir-se bem ligado, estando por isso ligado à qualidade das relações vividas com os pais.

Sendo a adolescência de grande importância para o desenvolvimento humano, onde ocorre um processo de transformação da capacidade de estar consigo e com os outros, a compreensão da experiência de solidão é um âmbito de estudo importante quer ao nível da compreensão da forma como é vivida na adolescência, quer na prevenção de situações de maior vulnerabilidade.

Esta investigação tem o objetivo de contribuir para a compreensão da forma como o adolescente se relaciona e vive as experiências de solidão. Assim, pretende-se perceber a relação entre a experiência de solidão vivida na relação com os pais e pares e o significado que o adolescente atribui à experiência de estar só (aversão e afinidade à solitude) associada à perceção das práticas educativas parentais nas suas dimensões de suporte emocional, sobreproteção e rejeição.

A presente investigação está organizada em seis capítulos. No primeiro capítulo é feita uma revisão de literatura e enquadramento teórico da temática em estudo. No segundo capítulo são apresentados os objetivos gerais e específicos e respetivas hipóteses. No terceiro capítulo é desenvolvida a metodologia do estudo. O quarto capítulo refere-se aos resultados e no quinto capítulo consta a discussão destes. A conclusão da investigação é apresentada no capítulo 6.

1. Enquadramento teórico

*Nesta passagem do “Cabo das Tormentas”-
figurada como difícil e perigosa-
que se transforma em “Cabo da Boa Esperança” –
uma vez transposto e seguida com
entusiasmo a rota da aventura da vida -,
o adolescente, esse ser em período de metamorfose,
vai oscilar entre duas posições*

António Coimbra de Matos (2012), *Adolescência*

1.1 Adolescência

A adolescência é o período de passagem da infância para a vida adulta. É definida como um período biopsicossocial em que ocorrem mudanças corporais, físicas, psicológicas, sociais e cognitivas (Roberts, 1988, citado em Ferreira & Nelas, 2006). Envolve “perdas e ganhos, envolve a flutuação e o estabelecimento de novas maneiras de pertencer e envolve a aceitação de uma imagem do corpo em mudança como resultado do início da puberdade” (Roberts, 1988, p.22. citado em Ferreira & Nelas, 2006). A necessidade de se adaptar às mudanças psicossociais, físicas e contextuais tornam a adolescência num período de maior vulnerabilidade para o surgimento de problemas de saúde, incluindo problemas mentais, emocionais e sociais (Carrascal & Caro-Castillo, 2009).

Este período tem início perto dos 12 anos e o seu fim está dependente da concretização de uma série de tarefas desenvolvimentais expressas em vários planos que vão tornar o adolescente autónomo face às imagens parentais, com uma identidade própria e possuidor de um sistema de valores pessoais, tornando-o capaz de manter relações saudáveis com o outro (Ferreira & Nelas, 2006). Segundo Sampaio (1995), a adolescência ocorre desde as transformações psicobiológicas que levam à maturação até à idade em que a identidade seja constituída por um sistema de valores e crenças bem estabelecido. A formação da identidade própria do adolescente define-o como um ser sexuado e social, transformando-se num “fundo organizado e de organização em que é

configurado o papel mutável e mutante do indivíduo inserido na sua circunstância, vivendo o presente com a luz clarificadora da história e rasgando o futuro com um desejo indomável de alguém que sabe quem é, conhece limites e almeja modificações” (Coimbra de Matos, 2012, p. 83).

Segundo Matos (2005), a identificação, que é o processo que leva à construção da identidade, é um processo inconsciente onde o sujeito assimila propriedades do outro nas suas relações privilegiadas. A identidade é o processo contínuo de identificações que se refere simultaneamente àquilo que é igual e diferente em cada um de nós, sendo que está ligada à representação que o sujeito tem de si mesmo. Spiegel (1953, citado em Faustino, 2009) define a personalidade adolescente como “esponjosa, permeável que recebe tudo mas projeta enormemente onde os processos de projeção e introjeção são intensos, variáveis e frequentes” (p. 20).

Segundo Erikson (1976), a construção da identidade é consequência de experiências do passado e do presente organizadas de forma coerente num todo. A adolescência seria assinalada pelo estágio “crise de identidade *versus* confusão da identidade”. A resolução desse conflito permite passar para o estágio seguinte albergando uma maior ou menor maturidade consoante a forma como a crise foi resolvida pelo adolescente. Desta forma, há uma organização das capacidades, necessidades, interesses e desejos que podem ser demonstrados em contexto social (Papalia, Olds, & Feldman, 2001). Os adolescentes usam defesas no confronto com esta confusão que passam pelo facciosismo e intolerância às diferenças.

Durante a adolescência ocorre também uma mudança de objeto e de objetivos. O adolescente sofre uma mudança de objeto de amor, que obriga a um luto pelo objeto amoroso infantil e a uma conseqüente procura de amor libidinal e uma mudança nos interesses na sua maioria narcísicos para um desenvolvimento de interesses sociais (Coimbra de Matos, 2012). Desta forma, o adolescente faz um luto do passado através de diversos lutos obrigatórios: luto pela segurança, luto renovado do objeto edipiano, luto pelo ideal do Eu, luto pela bissexualidade e pelo grupo (Dias & Vicente, 1981, citado em Ferreira & Nelas, 2006). A escolha de objetos de amor estaria dependente da elaboração intrapsíquica destes vários lutos. Salgueiro (1990, citado em Ferreira & Nelas, 2006) considera que as figuras de identificação nunca desaparecem apenas perdem aparentemente a sua importância com a entrada de novas figuras, ou seja, o

adolescente não desinveste os pais, ele vai desidealizá-los substituindo o amor por ódio (ódio positivo e inseparável do amor positivo). A mudança dos afetos para um objeto de amor heterossexual pressupõe o desenvolvimento de uma relação adulta objetal, estando subjacente a resolução dos aspetos negativos do complexo de Édipo (Cordeiro, 1988).

O próprio processo maturativo obriga o adolescente a distanciar-se da forma como idealizou os pais para de seguida relacionar-se com eles, não como pessoas idealizadas mas como pessoas reais. O adolescente precisa de consciencializar-se de que não precisa dos pais e de que existe uma mudança tanto em ambos como no vínculo que possuem. Esta tomada de consciência depende das transformações corporais, do despertar do conflito edipiano e do aumento dos desejos-receios das relações incestuosas, bem como da procura de uma imagem de si através dos outros (Marcelli & Braconnier, 2005).

É um período confuso e contraditório que leva à ambivalência do adolescente quanto ao desejo ou não de pertença ao mundo adulto. Nesta fase, em que o desejo de autonomia é crescente, há simultaneamente um comportamento inverso de procura dos pais. O adolescente acredita ser possuidor da verdade e ao mesmo tempo questiona-se a si próprio, é “extraordinariamente altruísta e simultaneamente fantásticamente egoísta” (Ferreira & Nelas, 2006, p. 145), ou seja, ocorre uma experiência das contradições e paradoxo do sofrimento (Braconnier & Marcelli, 2005). Assim, este processo dinâmico de passagem da infância para a idade adulta é uma tarefa complexa para o adolescente que o obriga a diversas mudanças ao nível psicológico, físico, afetivo, pulsional e social.

Em suma, a adolescência enquanto período de transição é caracterizada por mudanças ao nível psicológico, cognitivo e emocional. Está dependente do desenvolvimento pubertário, da definição de si como ser social, do desenvolvimento cognitivo, de transições académicas, (Demir & Tarhan, 2001) da emergência da sexualidade e da resolução de tarefas psicológicas, tais como a separação-individação dos pais, a procura de identidade e de relações íntimas (Eccles et al., 1993).

Neste período conturbado, as relações estabelecidas com os pais são na sua maioria conflituosas sendo esta conflituosidade característica do movimento psicoafectivo (Marcelli & Braconnier, 2005). As relações familiares, a sua estrutura e a personalidade dos pais são determinantes para estas transformações do adolescente.

*Depois de terem sido pais de uma criança,
eis que são pais de um adolescente:
verificam então que deixaram de poder exercer o
vosso papel do mesmo modo*

Alain Braconnier (2002), *Guia da adolescência*

1.2 O Comportamento parental

A adolescência tem sido retratada com um período de bastante perturbação a diversos níveis. Os jovens passam por várias mudanças que têm implicações nas relações que estabelecem com os pais. A parentalidade é necessária como suporte do processo maturativo da puberdade em que o sujeito é exposto a transformações corporais e experiências sentidas como angustiantes. Os pais têm o papel, desde a infância precoce, de criar laços seguros que permitam à criança desenvolver sentimentos de proteção e segurança. A vinculação aos pais é uma característica que acompanha o ser humano do nascimento à morte (Bowlby,1971), as relações com a criança vão promover expectativas e pressupostos acerca de si e dos outros que podem influenciar a competência social e desenvolvimento emocional (Skolnick,1986, citado em Ribeiro & Sousa, 2002). Do mesmo modo, é função dos pais promover condições propícias ao processo de separação-indivuação, tornando-os “pais internos” que não desaparecem mesmo quando ausentes (Fleming, 2005, p. 23), permitindo à criança iniciar comportamentos de exploração do ambiente e integrar-se no meio sociocultural circundante (Fleming, 2005).

Este sair da “concha fusional familiar” (Fleming, 2005, p. 25) é um processo necessário, embora doloroso, para a criança onde a elaboração de um self mental ocorre em simultâneo com a construção da noção do objeto. Há uma ambivalência entre o desejo de se desvincular e o de se aproximar às figuras de vinculação. Posteriormente a criança vai-se adaptando ao sentimento de autonomia e diminuindo esta ambivalência, uma vez que possui uma constância do objeto mais ampla e coerente encontrando prazer pelo Ego, nesta autonomia, e nos ganhos narcísicos dela proveniente (Smith, Calkins, Keane, Anastopoulos, & Sheldon, 2004).

Como já referido, o desejo de autonomia atinge o seu auge levando os adolescentes a questionar a proteção e controlo dos pais dando, por vezes, origem a conflitos. O adolescente “sente-se atravessado por forças que o puxam em sentidos contrários, por um lado o desejo de ficar no espaço de proteção da família e manter a sua vinculação aos pais e por outro lado o desejo de partir e aumentar os comportamentos exploratórios” (Fleming, 2005, p. 28). Assim, a adolescência envolve a necessidade de luto ou depressão normal, da passagem de um mundo mais infantil, de uma visão que tinha do mundo, para uma nova forma de estar que se organiza à volta do sentimento de liberdade e independência. O jovem precisa de se sentir ligado por um sistema confiante para proceder ao processo de separação-indivuação. Para aprender a pensar por si próprio e a cuidar de si precisa de ter um vínculo seguro com a figura de vinculação (Fleming, 2005).

Neste processo de interação, o que está em jogo é a dificuldade dos pais em renunciar o laço precoce da infância, o qual os adolescentes têm a necessidade de desfazer de modo a atingir a sua autonomia (Braconnier & Marcelli, 2000). Segundo Freud (1909, citado em Barros, 2005) o abandonar da autoridade dos pais é uma das mais penosas relações do desenvolvimento mas é algo necessário necessário que se realize.

Blos (1967) caracteriza a adolescência como o segundo processo de individuação onde ocorre a aquisição de um sentido de self autónomo com limites definidos. Há um despedir dos objetos infantis internos, uma “perda do Eu parental” (Blos, 1967). Esta perda vai descortinar uma estrutura egóica intacta ou com falhas dependendo da forma como decorreu o primeiro processo de separação-indivuação.

A investigação de Fleming (2005) permitiu perceber que o processo de autonomia depende da qualidade da relação que o adolescente sente que existe entre si e os seus pais assim, os adolescentes que se sentem ligados aos pais de forma segura evoluem mais ao nível da autonomia, enquanto jovens com vínculos mais inseguros têm mais dificuldade no processo de autonomia. O adolescente precisa de sentir uma ligação segura aos pais, quando isto não acontece temem perder o amor do objeto por desejarem separar-se dele recuando na tarefa de individuação. Ao nível social é esperado que o jovem se torne mais autossuficiente e autónomo, ou seja, a autonomia enquanto ganho maturativo pressupõe-se que seja atingida durante este período.

No entanto, os pais continuam a ser percebidos pelos filhos como os agentes provedores de apoio emocional, instrumental e informacional, sendo essencial a sua intervenção para o sucesso nas diversas tarefas desenvolvimentais (Pereira, Canavarro, Cardoso, & Mendonça, 2009).

Durante esta fase, o adolescente pergunta-se se é física e psiquicamente como imaginou. Também o olhar do outro é extremamente importante, sendo necessário que o outro lhe devolva uma imagem valorizante de si de modo a consolidar a auto-estima e a organização de um bom narcisismo, que nesta fase é formado pela valorização dos outros (Coimbra de Matos, 2012). Se for mal investido pelos pais, a necessidade de narcisismo externo será muito grande, bem como terá grande vulnerabilidade a ataques narcísicos.

1.2.1 Estilos parentais e práticas parentais

Os estudos da percepção das práticas educativas parentais adotam comumente uma abordagem tipológica denominada de estilos parentais (Maccoby, & Martin, 1983; Steinberg, 2001). Assim, o estilo parental caracteriza-se pelo conjunto de atitudes e concepções sobre o ser-se pai/mãe, filho e criança (Lila, 2009) ou seja, está relacionado com o contexto em que os pais influenciam os filhos através das práticas, tendo em conta as suas crenças e valores (Almaça, 2009).

As práticas parentais caracterizam-se pelos comportamentos com conteúdos específicos que têm o objetivo de socializar o indivíduo, são estratégias de incentivo ou punição de comportamentos (Almaça, 2009). Desta forma, as práticas parentais que são usadas com maior frequência definem o estilo parental operante, isto é, os estilos parentais são expressos através das práticas parentais. Os pais têm assim um papel socializador que vai influenciar o desenvolvimento e a forma como essas práticas vão forjar o jovem através da partilha de valores em meio extrafamiliar (Sampaio, 2006).

Os estilos parentais permitem identificar padrões globais de comportamento dos pais e o contexto em que ocorrem estes esforços dos pais para socializar os filhos, caracterizando-se pela utilização e execução das práticas parentais de acordo com o seu padrão de valores e crenças (Costa, Teixeira, & Gomes, 2000). Embora não seja o foco

desta investigação, tendo em conta que a forma de controlo parental pode influenciar o desenvolvimento das crianças, é importante explorar mais este campo.

Os estilos parentais, inicialmente desenvolvidos por Baumrind (1966, citado em Lila, 2009), são compostos por 3 estilos parentais: o autoritário, autoritativo e o permissivo. No estilo parental autoritário há uma postura de controlo e imposição por parte dos pais através de abordagens diretas e impositivas, possuem um alto padrão de exigência, monopolização da decisão e valorização exacerbada da ordem e normas (Baumrind, 1966, citado em Lila, 2009). No estilo parental autoritativo há uma autoridade parental mais flexível, onde o diálogo e negociação estão presentes. São mais responsivos às necessidades do sujeito, não descuidando dos limites e hierarquias bem definidas. É esperado da criança um desempenho elevado, contudo, contrariamente ao estilo parental autoritário, há uma comunicação bidirecional fomentando a autonomia e responsabilidade (Baumrind, 1966, citado em Lila, 2009). O estilo autoritário está associado ao uso de estratégias diretivas e restritivas, enquanto o estilo autoritativo está relacionado com controlo indireto e positivo e está mais associado a um ajustamento social e psicológico adequado (Kochanska, Kuczynski, & Radke-Yarrow, 1989). Por fim, o estilo parental permissivo representa os pais que exigem pouco dos filhos criando um clima aceitante e não punitivo, onde são as crianças a regular o seu comportamento. Desta forma, os pais não são modelos ativos de educação e socialização (Baumrind, 1966, citado em Lila, 2009). Mais tarde, Maccoby e Martin (1983) e também Baumrind (1989, citado em Lila, 2009) acrescentam o estilo parental negligente que se traduz em níveis mais negativos em variáveis psicológicas e sociais.

A elaboração deste modelo levou à perceção de duas dimensões nas práticas parentais denominadas de exigência/controlo (*demandingness*) e compreensão/apoio (*responsiveness*) (Maccoby & Martin, 1983). A primeira corresponde às atitudes que pretendem guiar ou controlar o comportamento da criança. Este controlo pode ser inibidor (controlo psicológico) ou facilitador (controlo comportamental). A compreensão/apoio corresponde às atitudes compreensivas para com os filhos que visam favorecer o desenvolvimento da autonomia, autorregulação e assertividade dos jovens, através do apoio emocional e bidirecionalidade da comunicação (Maccoby & Martin, 1983). Na literatura podem ainda ser encontradas referências a outras dimensões de práticas parentais como a intrusividade (pais intrusivos ao nível da privacidade e intimidade dos jovens), apoio emocional, confiança, controlo, controlo psicológico,

consistência comportamental parental, envolvimento na vida escolar dos filhos, rejeição, sobreproteção, tolerância e punição (Claes, Lacourse, Bouchard, & Perucchini, 2003; Costa, Teixeira & Gomes, 1998; Juang, & Silbereisen, 1999; Meesters, & Muris, 2004, citado em Teixeira, Oliveira, & Wottrich, 2006).

A adaptação dos jovens, o envolvimento parental e o controlo comportamental estão associados a maior competência social, autonomia, desempenho académico com atitudes mais positivas, auto-estima e menos depressão, menos comportamento escolar disfuncional, menos delinquência e uso de drogas (Parish & McCluskey, 1992; Allen, & Hauser, 1996; Steinberg, Lamborn, Dornbusch, & Darling, 1992).

As práticas parentais negativas podem aumentar o risco de problemas de adaptação. Vários estudos mostram que a rejeição parental e a falta de cuidado estão relacionadas com a interiorização e exteriorização de problemas (Caron, Weiss, Harris, & Catron, 2006; Chen, Liu, & Li 2000; Gracia, Lila, & Musitu, 2005; Javo, Ronning, Heyerdahl, & Rudmin, 2004; Muris, Meesters, & Berg, 2003). Assim como está associado a baixo desempenho escolar e fracas competências sociais (Chen, Liu, & Li 2000). Estudos sugerem que os pais intrusivos e controladores podem dificultar a individuação dos filhos (Teixeira, Oliveira, & Wottrich, 2006).

A família proporciona um sentido de coesão, um modelo de adaptabilidade e uma rede de experiências comunicacionais onde o desenvolvimento de relações positivas está associado a maior otimismo, alegria, auto-confiança e auto-estima (Uruk & Demir, 2003). Como já foi referido anteriormente, a mudança de relações entre os pais e os jovens leva a um aumento do conflito. As mães são mais abertas e comunicativas passando mais tempo com as crianças e os pais são mais autoritários nas relações onde o poder é importante (Noller & Callan, 1990). Quanto ao nível socioeconómico dos pais, estudos demonstram que os níveis mais baixos onde existem mais dificuldade económicas, afetam o bem-estar dos pais influenciando o suporte parental (Conger et al., 1992).

Por que é que, em geral se evita a solidão?

Porque são muito poucos os que encontram

companhia consigo mesmos .

Carlo Dossi

1.3 A solidão

A solidão pode ser definida como o resultado de uma necessidade humana básica de intimidade não correspondida (Sullivan, 1953). É um sentimento desconfortável, que surge da discrepância entre as relações que o sujeito desejava ter e as que efetivamente tem, tanto qualitativamente com quantitativamente (Peplau & Perlman, 1982; Perlman & Peplau, 1984) e emerge associada a sentimentos de alienação, perda, isolamento, tristeza, ansiedade e vergonha (Bastos, 2005; Erözkan, 2009). A solidão pode ser física, quando há ausência real de amigos ou de relações de intimidade ou pode ser psicológica, onde surgem sentimentos mais dolorosos e angustiantes. Assim, importa ter em conta o tempo durante o qual se sente só e a agradabilidade ou não desse sentimento, sendo que apenas as experiências de solidão psicológica podem ser consideradas experiências de solidão (Bastos, 2005; Neto & Barros, 2001).

A solidão, enquanto deficiência nas relações sociais da pessoa, é uma experiência subjetiva e aversiva (Perlman & Peplau, 1984). Caracteriza-se por um estado transiente para a maioria das pessoas, contudo é o seu caráter recorrente e persistente que o torna uma desordem psicológica séria que pode ameaçar sujeitos vulneráveis (Qualter, 2003). Segundo Carrascal e Caro-Castillo (2009), a solidão é “ um sentimento subjetivo, emotivo, variável, negativo, involuntário que o adolescente experiencia e que lhe provoca insatisfação social, emocional, de afeto e apoio e está associada a necessidades reais de relações interpessoais (...) e pode anteceder ou desencadear resultados negativos a nível físico e mental” (p. 290).

A solidão é constituída por uma componente cognitiva e uma componente afetiva. A componente cognitiva sugere a perceção de si como um ser sozinho e isolado, pressupõe a privação do contato com os outros onde está subjacente a discrepância entre as relações sociais desejadas e as atuais, tanto quantitativamente como qualitativamente.

A componente afetiva corresponde às experiências emocionais negativas de desorientação, perda e solidão (Peplau & Perlman, 1982; Rotenberg, 1994). Deve ser tida em conta também a componente temporal, uma vez que a solidão pode ser transitória ou persistente de acordo com diversas causas e consequências (Bastos, 2005).

Segundo Weiss (2008, citado em Carrascal & Caro-Castillo, 2009), a solidão pode ser emocional e aparecer na ausência de vínculos emocionais, ou seja perda da intimidade com as pessoas mais próximas, ou pode ser social em que há ausência de rede social de apoio. A solidão social pode dar origem a solidão emocional.

Trata-se de uma experiência subjetiva e não sinónima de isolamento social, pois o sujeito pode estar sozinho sem se sentir só ou sentir solidão no meio de uma multidão (Peplau & Perlman, 1982; Perlman & Peplau, 1984; Qualter, Brown, Munn, & Rotenberg, 2010). Segundo Parkhurst e Hopmeyer (1999), a solidão é a sensação de estar sozinho, associado a um sentimento de privação ou desejo de proximidade.

Enquanto experiência penosa decorrente de necessidades de contato não satisfeitas, surge na adolescência (H.M. Inderbitzen & M.L. Clark, comunicação pessoal, Março de 1986) (apesar de ser experienciada desde a infância) associada ao aparecimento de uma nova forma de intimidade (Sullivan, 1953; Demir & Tarhan, 2001), ao desenvolvimento da identidade, às escolhas vocacionais e à obtenção de maior autonomia. O estabelecimento de relações íntimas toma neste período maior importância e por vezes, a intimidade ideal não é equivalente à atual e a desilusão ao perceber isso pode levar a sentimentos de solidão (Neto & Barros, 2001).

A solidão pode ser vista como um traço da personalidade (solidão crónica) ou como um estado psicológico (solidão situacional) (Neto, 1992). Pode ser transaccional (pouca duração e sem sintomas graves), situacional (resultante de acontecimento importante e com alguns sintomas) ou crónica (longa duração sem relação com acontecimento traumático) (Young, 1982). A solidão pode ser transiente, isto é decorre de situações que destroem as relações sociais existentes, ou pode ser uma solidão crónica onde há défices de competências sociais e/ou cognitivas (Beck & Youn, 1978, citado em Parkhurst & Hopmeyer, 1999).

Adolescentes que manifestam sentimentos de solidão tornam-se mais predispostos a perturbações psicológicas, abuso de substâncias, práticas sexuais de

risco, comportamento agressivo, ansiedade (Rokach et al., 2001; Saluja, Iachan, Scheidt, Overpeck, & Giedd, 2004) e tendências suicidas (Killen, 1998; McWhirter, 1990; Rokach et al., 2001).

1.3.1 Solidão e solidude

O conceito de solidude, definido inicialmente por Moustakas (1961, citado em Perlman & Peplau, 1982), remete para os aspetos positivos do estar só que pode ser promotor de crescimento pessoal e de criatividade. Winnicott (1958) caracteriza a solidude como a capacidade para estar sozinho desenvolvida na infância que é influenciada pela relação estabelecida com a figura de vinculação e é essencial para o amadurecimento emocional e para a saúde psíquica. Essa capacidade depende da experiência de estar só na presença da mãe, pois só a partir desta vivência a criança pode viver a solidão sem ameaça de destruição (Toledo, 2009). A relação privilegiada com a mãe permite a capacidade de se diferenciar e de estar só.

Se, por um lado, estar só é benéfico pois permite a reflexão e a introspeção pessoal, para outras pessoas pode ser revelador de sentimentos negativos (Marcoen, Goossens, & Caes, 1987). Segundo Sullivan (1953) o estar só pode ser aflitivo para uns mas funcionar em paralelo como motivação para a procura de contato social. A solidude assume um efeito calmante que permite ao sujeito distinguir entre a necessidade real ou não de companhia de outros, preparando-o para as responsabilidades sociais (Rubenstein, & Shaver, 1982, citado em Bastos, 2005).

Perante a solidude, o sujeito pode promover atitudes de “afinidade pela solidude” onde demonstra sentimentos positivos quanto ao estar só, gosto por estar sozinho e de se isolar ou “aversão à solidude” em que predomina o medo de estar só associado a sentimentos de mal-estar na ausência de companhia (Marcoen, Goossens, & Caes, 1987, p. 563). Estes dois construtos não devem ser vistos como opostos, Jones e colaboradores (1985, citado em Bastos, 2005) mostraram que sujeitos com elevado stress relacional apresentam um desejo de interagir com os outros e simultaneamente uma tendência para os evitar. Contudo, há autores como Buchholz e Catton (1999) que consideram a solidão e a solidude como pontos opostos, uma vez que a solidão é vista como um sentimento

negativo e penetrante enquanto a solidão não está ligada a aspetos negativos e tem um carácter temporário.

A capacidade para aproveitar os momentos de solidão depende do sentido positivo que tem de si próprio na ausência de reforço do outro (Larson, 1990). A solidão é vista como uma necessidade desenvolvimental paralela à vinculação e é geralmente uma experiência positiva (Buchholz, & Catton, 1999) com carácter temporário e usada para a autorreflexão. Peplau e Perlman (1982) afirmam que ninguém pode negar que a solidão é dolorosa mas a solidão, se for bem estruturada, pode ser usada para curar e transcender a solidão. A capacidade de estar só permite entrar em contacto consigo mesmo e favorece o aprender, o pensar e o inovar-se (Storr, 1988, citado em Buchholz, & Catton, 1999).

Em suma, perante a solidão podem ser assumidas atitudes positivas em que o estar só é desejado ou podem ser assumidas atitudes negativas associadas a sentimentos de solidão e desejo de evitar esses sentimentos. São independentes mas não opostos, podem ocorrer em simultâneo ou não e ser alvo de mudanças à medida que se modificam as necessidades do indivíduo (Bastos, 2005).

1.3.2 Solidão na relação com os pais e com os pares

A solidão, enquanto fenómeno multidimensional, pode ser vista na relação parental como resultado de falhas no relacionamento com os pais onde estes não satisfazem as necessidades do jovem de segurança e afeto e pode ficar a dever-se a dificuldades relacionais, características pessoais ou fatores ambientais (DiTommaso, & Spinner, 1997). Os problemas nas relações entre pais e filhos promovem a vulnerabilidade à solidão produzindo padrões relacionais inseguros, isto é, quando os pais fornecem modelos de interação pobres e não ajudam no desenvolvimento de capacidades sociais leva a dificuldades de interação social e de entrar em relações diádicas dando origem a sentimentos de ineficácia pessoal (Minzi, & Sacchi, 2004).

A falta de apoio parental durante a adolescência pode ser visto como um fator preditivo da solidão (Roekel, Scholte, Verhagen, Goossens, & Engels, 2010), tal como a qualidade da comunicação entre pais e filhos (Gentzler, Oberhauser, Westerman, &

Nadorff, 2011). Traços de personalidade positivos como a empatia, auto-estima positiva, auto-controlo e bem-estar psicológico surgem de relações entre a criança e um pai/mãe envolvido (Evans & Fogarty, 1999). A perda de uma figura parental quer por morte ou divórcio ou por falta de envolvimento é motivo stressor para os adolescentes (Popenoe, 1996, citado em Le Roux, 2009). Na investigação realizada por Le Roux (2009) podemos contatar que adolescentes mais solitários têm atitudes mais negativas em relação aos pais, bem como é possível verificar uma influência do nível socioeconómico que quando é baixo influencia negativamente o envolvimento dos pais com os filhos (Danziger, & Radin, 1990; Ackerman, Brown, & Izard, 2003; Conger, Conger, Elder, Lorenz, Simons, & Whitbeck, 1992).

Os sentimentos de solidão provenientes da relação entre pais e filhos é maior entre os rapazes do que entre as raparigas devido aos fatos dos rapazes receberem menos atenção e possuírem menos capacidade de dar a conhecer os seus desejos e necessidades (Marcoen, & Brumagne, 1985). Assim, os adolescentes que veem nos pais fontes de conforto primárias sentem-se mais vinculados a estes ao contrário dos adolescentes que qualificam as relações com os pais como as relações de conforto primárias, o que revela maior solidão nas relações parentais (Marcoen, & Brumagne, 1985). O estado conjugal dos pais vai também influenciar a relação entre pais e filhos, segundo Braconnier (2002) é ilusório acreditar que o divórcio não vai afetar o adolescente afetivamente. O divórcio, enquanto acontecimento de vida significativo, pode levar a dificuldades de adaptação psicológicas, pode provocar alterações ao nível dos resultados escolares, da adaptação social e do autoconceito (Amoto & Keith, 1991). O divórcio cria alterações no sistema familiar e nas relações entre os seus membros aumentando o risco de deterioração dos laços (Guttman & Rosenberg, 2003), podendo levar ao aumento dos sentimentos de rejeição entre os pais e os filhos e eles próprios, o que pode originar sentimentos de solidão nas relações com os pais (Johnson, La Voie, & Mahoney, 2001).

O estudo de Baker e Bugay (2011) sugere que o enriquecimento das capacidades sociais e dos sistemas de suporte social dos jovens diminui o sentimento de solidão e ajuda na adaptação. Segundo Buchholz (1997, citado em Corsano, Majorano, & Champretavy, 2006) também a idade dos adolescentes tem influência assim, os jovens mais novos (entre 11 e 13 anos) que estão a passar pelo processo de separação dos pais, demonstram-se incomodados em estar sozinhos considerando-o negativo (Corsano,

Majorano, & Champretavy, 2006), com o passar do tempo e com a adoção de maior autonomia em relação aos pais, percebem os aspetos positivos do estar só.

Tal como mostrou Lautrey (1980, citado em Minzi, 2006), apesar da parentalidade restritiva poder funcionar como treino para os compromissos da vida social, garantir que o sujeito adquira a autonomia necessária permite-lhe aprender através da interação com os outros. Os problemas relacionais com os pais são causadores de solidão (Uruk, & Demir, 2003) e os adolescentes que não conseguem manter relações estáveis e de partilha estão mais sujeitos a sentimentos de solidão. As relações com os pares são os fatores mais importantes ao nível da solidão em grande parte devido à importância dada às relações interpessoais durante a adolescência (Uruk, & Demir, 2003).

A solidão pode também ser vista na relação com os pares surgindo quando ocorrem défices na capacidade dos pares de satisfazer as necessidades do jovem de companhia e partilha. Encontra-se ligado igualmente a características pessoais ou ambientais (DiTommaso, & Spinner, 1997). As amigas têm um papel protetivo importante no que diz respeito ao comportamento desviante, depressão e sentimentos de alienação (Schneider, Wiener, & Murphy, 1994; Bukowski, Newcomb, & Hartup, 1996).

As relações com os pares têm um papel importante na solidão, as mulheres parecem depositar uma maior importância nestas relações (Marini, 1988, citado em Eshbaugh, 2010). Esta diferença de género deve-se em parte devido às raparigas serem educadas de modo a desenvolver um sentido de moralidade maior no que diz respeito ao cuidar do outro, enquanto os rapazes são estimulados a desenvolver comportamentos contrários como a agressividade e competitividade (Marini, 1988, citado em Eshbaugh, 2010).

A rejeição dos pares coloca o sujeito em risco de obter resultados negativos em vários domínios do desenvolvimento, nomeadamente ao nível da adaptação, ao nível académico e do bem-estar psicológico (Deckard, 2001; Parker, & Asher, 1987). O perceber-se como uma pessoa incompetente ou rejeitada pode levar a sentimentos de solidão. Estudos mostram que os rapazes reportam mais sentimento de autovalorização mas sentem-se mais sós e rejeitados que as raparigas (Dhal, Bhatia, Sharma, & Gupta, 2007).

Williams (1983, citado em Demir, & Tarhan, 2001) sugere que a solidão em adolescentes deve-se a sentimentos de isolamento e frustração quanto a uma necessidade de pertença que podem ser expressos em afastamento, depressão, uso de drogas, delinquência ou défices académicos. O estudo de Demir e Tarhan (2001) concluiu que os estudantes que eram rejeitados pelo grupo reportam níveis de solidão e insatisfação social significativamente maiores comparados com os sujeitos dos outros grupos. Os adolescentes com boas capacidades comunicativas, alegres, baixa ansiedade e auto-estima alta são mais aceites pelos pares. Quando ocorre o contrário há maior tendência para o isolamento social e solidão (Uruk, & Demir, 2003). Contudo, os adolescentes que são bem aceites entre os pares não significa necessariamente que tenham muitos amigos, do mesmo modo que não é correto depreender que todos os adolescentes que possuem baixa aceitação são solitários ou têm poucos amigos (Parker, & Asher, 1993). Asher, Hymel e Renshaw (1984) descobriram que crianças impopulares reportam mais solidão que as crianças populares.

Desta forma, os fatores de pré-disposição à solidão passam por características pessoais como a baixa auto-estima (Dahl, Bhatia, Sharma, & Gupta, 2007), timidez, introversão, falta de assertividade, locus de controlo externo, por características situacionais como a interação competitiva ou isolamento e por características demográficas (Perlman, & Peplau, 1984).

Apesar de a solidão estar correlacionada a vários estados negativos relacionais, também há dados que mostram que a solidão está mais relacionada com a perceção que o sujeito tem em relação às suas relações do que características objetivas e quantitativas das relações (Cultrona, 1982) ou seja, os adolescentes sentem-se mais sós quando não têm apoio social ou quando o apoio social percebido não é suficiente (Rook, 1984, citado em Eldeleklioglu, 2008). Se a solidão surge das relações do indivíduo com a comunidade então é possível afirmar que a solidão é diferente entre culturas tanto nas formas de perceção como na forma que a experienciam e se adaptam (A. Rokach, comunicação pessoal, Agosto de 2002), bem como difere conforme a personalidade e história pessoal do sujeito.

Apesar de a adolescência ser um período em que os conflitos com os pais são frequentes, onde as relações extrafamiliares possuem grande importância tornando-o stressante, Rokach (A. Rokach, comunicação pessoal, Agosto de 2002) demonstrou que

os adolescentes atribuem a sua solidão a qualquer situação ou evento com o qual devem lidar e não ao não preenchimento de relações íntimas. O autor verificou que a cultura em que estão inseridos, vai afetar as causas percebidas da solidão.

Atualmente o aumento dos níveis de solidão pode ser justificado pelas mudanças nas distribuições das idades na população, mudanças nas estruturas das relações sociais, aumento das famílias monoparentais, mudança nos ideais pessoais (mais pessoas a querer morar sozinhas) (Jong-Gierveld, 1988), psicopatologia do adolescente ou dos pais, relação conjugal e dinâmica familiar, morte de pessoas significativas (Carrascal, & Caro-Castillo, 2009), aumento do número de divórcios (Le Roux, 2009). Entre os efeitos da solidão podemos destacar os problemas de saúde física (doenças cardiovasculares, transtornos alimentares, problemas de sono) e problemas de saúde mental (depressão, suicídio, abuso de álcool ou drogas) (Heinrich & Gullone, 2006).

A solidão pode surgir quando os adolescentes não adquirem a capacidade de interação social para enfrentar o ambiente ou se tiverem expectativas irrealistas quanto às relações sociais. Observa-se uma forte relação entre solidão, desespero e conflito familiar que aumentam a predisposição à adoção de comportamentos de risco e autodestruição (Anderson, Woodward, & Armstrong, 2004; Webb, 2002).

Podemos concluir que o desenvolvimento do sentimento de solidão na adolescência está relacionado com a forma como o adolescente lida com as diversas fases do desenvolvimento, como constrói a sua identidade e a sua individuação, como vive a separação dos pais e a construção de relações extrafamiliares como as relações de intimidade e em que contextos relacionais ocorrem. Uma vez que as práticas parentais percebidas são enfatizadas como um fator etiológico significativo num modelo de vulnerabilidade de psicopatologia e conectado com o desenvolvimento geral psicossocial da criança (Petrowski, Berth, Schmidt, Schumacher, Hinz & Brähler, 2009), pretendo com este estudo perceber se há relação entre as práticas parentais exercidas durante o desenvolvimento do adolescente e a experiência da solidão nas relações com os pais e pares e a capacidade de estar só no sentido negativo e positivo.

2. Objetivos e hipóteses

A presente investigação pretende contribuir para a compreensão da forma como o adolescente se relaciona e vive as experiências de solidão. Assim, pretende-se perceber a relação entre a experiência de solidão vivida na relação com os pais e pares e o significado que o adolescente atribui à experiência de estar só (aversão e afinidade à solidude) associada à percepção das práticas educativas parentais nas suas dimensões de suporte emocional, sobreproteção e rejeição.

Foi estabelecida como variável dependente a solidão (nas relações parentais e com os pares e atitude face à solidude) e como variáveis independentes a representação das práticas parentais (nas dimensões de suporte emocional, rejeição e sobreproteção), idade, sexo, nível socioeconómico dos pais e agregado dos pais.

Objetivo geral: compreender a experiência de solidão vivenciada pelos adolescentes nas relações com os pais e com os pares e o significado que atribui à experiência de estar só, na sua relação com as representações das práticas parentais.

Objetivos específicos:

Objetivo 1- Caracterizar a experiência de solidão na relação com os pais e pares e a capacidade de estar só dos adolescentes.

Hipótese 1- Há maiores valores referentes à solidão na relação com os pais do que com os pares.

Hipótese 2- Há maiores valores referentes à aversão à solidude do que relativos à afinidade à solidude.

Objetivo 2- Analisar a experiência de solidão na relação com os pais e pares e a capacidade de estar só dos adolescentes em função do género e idade.

Hipóteses 3- Existem diferenças significativas na experiência de solidão na relação com os pais em função do sexo, sendo mais elevada nos adolescentes do sexo masculino.

Hipótese 4- Existem diferenças significativas quanto à aversão à solidão em função da idade, sendo mais elevada nos adolescentes mais novos (14 e 15 anos).

Objetivo 3- Analisar a experiência de solidão na relação com os pais e pares e a capacidade de estar só dos adolescentes em função do agregado familiar e do nível socioeconómico da família.

Hipótese 5 – A experiência da solidão na relação com os pais será maior em famílias com pais separados/divorciados do que em famílias em que os adolescentes vivem com ambos os pais.

Hipótese 6- A aversão à solidão será maior em adolescentes que têm pais divorciados/ separados do que em famílias em que os adolescentes vivem com ambos os pais.

Hipótese 7 – A experiência de solidão na relação com os pais será maior em famílias com níveis socioeconómicos baixos do que em famílias com níveis socioeconómicos médios ou altos.

Objetivo 4- Compreender a relação entre a perceção das práticas parentais dos adolescentes nas dimensões de suporte emocional, sobreproteção e rejeição e a experiência de solidão na relação com os pais e pares e capacidade de estar só dos adolescentes.

Hipótese 8- Suporte parental de ambos os pais está relacionado com a experiência de solidão na relação com os pais.

Hipótese 9- Sobreproteção de ambos os pais está relacionada com a experiência de solidão na relação com os pares.

Hipótese 10- Rejeição parental de ambos os pais está relacionada com a experiência de solidão nas relações com os pais.

3. Metodologia

3.1 Participantes

Nesta investigação, o critério de seleção da amostra foi a idade, uma vez que se pretendia que esta fosse constituída por adolescentes entre os 14 e os 17 anos. A recolha dos dados decorreu numa escola pública situada no distrito de Lisboa, a Escola Secundária de Gil Vicente pertencente ao Agrupamento de Escolas de Gil Vicente.

3.1.2 Caracterização sociodemográfica da amostra

Esta investigação contou com a participação de 130 alunos de uma escola secundária da zona de Lisboa. A média das idades da amostra de adolescentes é de 15,44 com uma idade mínima de 14 e uma idade máxima de 17 anos e um desvio padrão de 1,12.

Quadro 1. Média, Desvio Padrão, Mínimos e Máximos da amostra

Idade (n=130)	
Média	15,44
Desvio Padrão	1,12
Mínimo	14
Máximo	17

É possível verificar uma sobre representação de adolescentes do sexo feminino correspondendo a 86 dos participantes (66,2%), enquanto os adolescentes do sexo masculino representam 44 dos participantes (33,8%). Entre as adolescentes do sexo feminino, 25,6 % têm 14 anos, 24,4 % têm 15 anos, as adolescentes com 16 anos correspondem a 30,2 % e as adolescentes com 17 anos correspondem a 19,8%. Quanto

aos adolescentes do sexo masculino, a amostra conta com 29,5% de rapazes com 14 anos, 27,3% corresponde aos rapazes com 15 anos, 13,6 % tem 16 anos e os 17 anos correspondem a 29,5%¹. A maioria dos adolescentes é proveniente de famílias intactas ou seja, onde vivem com ambos os pais (54,6%). Entre os que vivem com pais separados, 40% vive só com a mãe enquanto 1,5% vive só com o pai ou com ambos os pais (1,5%). É de salientar ainda que 2,3% dos participantes moram com os avós. Quanto ao estado civil dos pais, cerca de 46,9% estão separados/divorciados, enquanto a maioria se encontra casado (53,1%).

No que respeita ao nível socioeconómico do pai², predomina o nível baixo (43,1%) seguido do médio (34,6%) e por fim o elevado (15,4%). A percentagem de figuras paternas desempregadas ou reformadas é semelhante (3,1% e 3,8% respetivamente). Quanto à mãe², o nível socioeconómico baixo encontra-se em maioria (53,1%) seguido do nível médio (22,3%) e o elevado (16,2%). A percentagem de figuras maternas desempregadas é superior às paternas correspondendo a 5,4% enquanto a percentagem de mães reformadas corresponde a 3,1%.

Entre os participantes, 46,9% possui 1 irmão (23,1% não tem irmãos), adolescentes com 2 irmãos encontram-se em número mais reduzido (18,5%) seguido dos adolescentes com 3 irmãos (5,4%). Adolescentes com 4 ou 5 irmãos correspondem a 2,3% respetivamente sendo que, adolescentes com 6 ou mais irmãos estão em número muito reduzido (8%).

¹ Resultados encontram-se em anexo (Anexo I)

² Nível socioeconómico segundo a Classificação de Simões (1994) (Anexo II)

Quadro 2. Características sociodemográficas da amostra

Características	N	%
Sexo (n= 130)		
Feminino	86	66.2
Masculino	44	33.8
Idade (n=130)		
14 Anos	35	26.9
15 Anos	33	25.4
16 Anos	32	24.6
17 Anos	30	23.1
Agregado familiar (n=130)		
Vive com ambos os pais	71	54.6
Vive só com a mãe	52	40.0
Vive só com o pai	2	1.5
Vive com ambos os pais alternadamente	2	1.5
Vive com os avós	3	2.3
Estado conjugal dos pais (n=130)		
Divorciados / Separados	61	46.9
Casados	69	53.1
Nível Socioeconómico do pai (n=130)		
Baixo	56	43.1
Médio	45	34.6
Elevado	20	15.4
Desempregado	4	3.1
Reformado	5	3.8
Nível Socioeconómico da mãe (n=130)		
Baixo	69	53.1
Médio	29	22.3
Elevado	21	16.2
Desempregado	7	5.4
Reformado	4	3.1
Número de irmãos (n=130)		
Não tem irmãos	30	23.1
1 Irmão	61	46.9
2 Irmãos	24	18.5
3 Irmãos	7	5.4
4 Irmãos	3	2.3
5 Irmãos	3	2.3
6 Irmãos	1	.8
7 Irmãos	1	.8

3.2 Instrumentos de medida

Nesta investigação, para o estudo da percepção da experiência de solidão sentida pelos adolescentes na relação com pais e pares e a forma como é vivida (afinidade e aversão à solidude), foi utilizada a adaptação portuguesa por Bastos, Figueira e Costa (2005) da *Louvain Loneliness and Aloneness Scale for Children and Adolescents* (LACA). Para análise da percepção das práticas parentais, foi utilizada a adaptação portuguesa do *Parental Rearing Style Questionnaire for use with Adolescents* (EMBU-A) realizada por Almeida (2005). De forma complementar, foi realizado um questionário para a caracterização da população onde foram recolhidos os dados sociodemográficos da amostra.

3.2.1 Questionário sociodemográfico

O questionário sociodemográfico permite a caracterização da amostra através da recolha de dados relativos aos indivíduos como a idade, sexo, agregado familiar, profissão e escolaridade dos pais e a existência ou não de irmãos. Não são questionados dados identificativos dos participantes³.

3.2.2 Louvain Loneliness and Aloneness Scale for Children and Adolescents (LACA)

A escala LACA (*Louvain Loneliness and Aloneness Scale for Children and Adolescents*, Marcoen et al., 1987) é constituída por 48 itens divididos em 4 subescalas com 12 itens cada. Estas escalas avaliam a solidão na relação com pais (S-Pais), a solidão na relação com os pares (S-Pares), a aversão à solidude (S-Aversão) e a afinidade à solidude (S-Afinidade).

³ Anexo III

A solidão relativa aos pais (S-Pais) deriva da percepção de défices na relação pais-filho quanto à capacidade de corresponder às necessidades de proximidade emocional, afeto ou segurança (Goossens, & Marcoen, 1999). A solidão relativamente aos pares (S-Pares) resulta de défices (quantitativos ou qualitativos) na capacidade dos pares de corresponder às necessidades de companhia, partilha de interesses e emoções (Goossens, & Marcoen, 1999). As escalas de Aversão e de Afinidade permitem perceber qual a percepção que o adolescente tem do tempo que passa só e os sentimentos positivos (S-Afinidade) ou negativos (S-Aversão) subjacentes. Alguns itens destas escalas são: “Acho muito difícil conversar com os meus pais” (S-Pais), “Acho que não tenho nenhum amigo (a) com quem possa desabafar inteiramente” (S-Pares), “ Quando estou sozinho (a), sinto-me aborrecido (a)” (S-Aversão), “ Eu quero estar sozinho (a)” (S-Afinidade)⁴.

Investigações anteriores onde foi utilizada esta escala, foi verificada uma boa consistência interna nas 4 subescalas (0.76-0.88) e um grau de validade fatorial moderada a elevada patente nas suas correlações com outras medidas de avaliação da solidão (0.39-0.79; Marcoen, Goossens, & Caes, 1987; Marcoen & Goossens, 1993, 1999; Bastos, Figueira, & Costa, 2001/2002). Esta escala apresenta também uma validade satisfatória convergente e discriminante em cada subescala (Bastos, Figueira, & Costa, 2001/2002). O presente estudo apurou uma consistência interna de 0.82 para as 4 subescalas. O LACA foi utilizado com êxito num grande número de estudos empíricos com crianças e adolescentes, onde a solidão foi associada à vinculação aos pais (Goossens et al., 1998, citado em Bastos, 2005), à construção da identidade (Marcoen, & Goossens, 1993) e às diferenças individuais na autoconsciência (Goossens, & Marcoen, 1999).

No instrumento final, os participantes devem responder numa escala de *Linkert* que varia de “ Discordo totalmente” a “Concordo totalmente”. Os resultados elevados numa subescala vão determinar níveis de solidão mais elevados nas relações com os pais e/ou pares e quanto às atitudes relativamente ao “estar só” (Bastos, 2005).

⁴ Anexo IV

3.2.3 Parental Rearing Style Questionnaire for use with Adolescents (EMBU-A)

A escala EMBU (*Parental Rearing Style Questionnaire for use with Adolescents*) foi desenvolvida originalmente por Perris, Jacobson, Lindstrom, Von Knorring e Perris (1980, citado em Almeida, 2005) com o intuito de aceder às memórias dos participantes quanto às práticas educativas dos seus pais (pai e mãe separadamente). Avalia comportamentos presentes na infância e adolescência dispostos em 14 dimensões (Abuso, Privação, Punição, Vergonha, Rejeição, Sobreproteção, Sobreenvolvimento, Tolerância, Afeição, Orientação para o desempenho, Indução de culpa, Estratégias de estimulação, Preferência em relação aos irmãos e Preferência dos irmãos em relação ao sujeito) num total de 81 itens. Os itens deviam ser respondidos numa escala de *Linkert* que varia de “não nunca” a “sim, a maior parte do tempo”.

Na adaptação à população alemã elaborada posteriormente por Arrindel, Emmelkam, Brilman e Monsma (1983, citado por Almeida, 2005) foram reduzidos o número de itens para 64, que passaram a estar agrupados em 4 dimensões: Rejeição, Suporte emocional, Sobreproteção e Preferência em relação aos irmãos. Posteriormente, esta escala reduzida foi aplicada em 14 países diferentes, apresentando níveis satisfatórios nos resultados das análises fatoriais apenas nos três primeiros fatores. A partir destes 3 fatores, Arrindel et al (1994, citado por Almeida, 2005) elaborou uma versão de 23 itens. Posteriormente, Canavarro (1996, citado por Almeida, 2005) adapta esta versão para a população portuguesa denominando-a de “Memórias de Infância” encontrando os mesmos três fatores.

Uma vez que estas versões eram apenas para adultos Gerlsma, Arrindell, Van der Veen e Emmelkamp (1991, citado em Almeida, 2005) foi desenvolvido o EMBU-A (*Parental Rearing Style Questionnaire for use with adolescents*) que possui 54 itens respondidos numa escala de *Linkert* de 4 pontos (de “não, nunca” a “sim, a maior parte do tempo”) para o pai e para a mãe em separado, mas agora numa versão para adolescentes. Foram apuradas 4 dimensões para cada progenitor: Suporte emocional, Rejeição, Sobreproteção e Sujeito Favorito.

Com a adaptação portuguesa do instrumento EMBU-A elaborada por Almeida (2005) com uma boa consistência interna de entre 0.73 e 0.94, foi verificado que a subescala Sujeito Favorito não se adequa aos adolescentes portugueses por ser uma dimensão cultural assim, os itens estão agrupados em 3 dimensões: Suporte Emocional com 19 itens, Sobreproteção com 10 itens e Rejeição com 19 itens⁵. O presente estudo apurou uma consistência interna de 0.84 para as 3 subescalas.

A rejeição é definida como as práticas modificadoras de comportamentos dos filhos sentidas como pressão para se comportarem de determinada forma (castigos físicos, privação de objetos ou aplicação direta de força com intenção de influenciar o comportamento do filho, não levando em conta os seus pontos de vista ou necessidades) (Rollins & Thomas, 1979, citado em Almeida, 2005).

O suporte emocional é caracterizado por práticas parentais de ajuda para que a criança se sinta confortável na presença dos pais reforçando a sua aprovação enquanto pessoa (aprovação, encorajamento, ajuda, expressão verbal e física de amor e afeto) (Rollins & Thomas, 1979, citado em Almeida, 2005).

A sobreproteção refere-se a comportamentos parentais de grande proteção e indutores de stress e adversidade (comportamentos intrusivos, contato exagerado, evitamento da independência do filho, grandes expectativas, regras rígidas) (Rollins & Thomas, 1979, citado em Almeida, 2005).

3.3 Procedimentos

A aplicação dos questionários foi realizada durante o mês de Abril de 2012, em diferentes turmas do 8º ano, 9º ano, 10º ano e 11º ano de escolaridade da Escola Gil Vicente do Agrupamento de Escolas de Gil Vicente. Após a devida autorização da Direção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular foi feito o contato com a escola.

O contato inicial foi feito via *correio eletrónico* seguindo-se a marcação de uma reunião formal pela direção da escola onde foi apresentado o projeto de investigação e

⁵ Anexo V

respetivos objetivos e formas de aplicação. Após a obtenção das devidas autorizações dos encarregados de educação⁶, foi marcada a aplicação dos questionários. De modo a garantir o cariz voluntário dos adolescentes, foi pedido para assinarem uma declaração de consentimento informado que era recolhida antes da aplicação e guardada em separado de modo a garantir a confidencialidade e anonimato dos participantes. Os questionários foram aplicados em contexto de sala de aula, sendo preenchidos no formulário entregue e recolhido pela investigadora.

3.4 Procedimentos estatísticos

Para a análise dos dados obtidos, foi utilizada uma estatística descritiva composta por média, desvio-padrão e valores mínimos e máximos. Foram igualmente calculadas as frequências e percentagens tendo em conta a natureza das variáveis (quantitativas e qualitativas).

Para avaliar a utilização dos testes paramétricos foram realizados testes de normalidade e respetiva homogeneidade das variâncias através do teste Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk.

Para análise dos resultados obtidos foram utilizados testes paramétricos, o Teste T para amostras independentes, bem como testes não paramétricos, como o teste Wilcoxon-Mann-Whitney para amostras independentes e o Teste *Kruskal-Wallis* para amostras independentes com três categorias (Martins, 2011).

Recorreu-se ainda a medidas de associação como o coeficiente de *Pearson* (*Pearson Correlation Coefficient*).

Por último, é de referir que foi elaborado o cálculo dos coeficientes *Alpha de Cronbach* com o objetivo de determinar a consistência interna de cada instrumento utilizado.

Os dados foram tratados no programa estatístico IBM SPSS versão 1.9 (*Statistical Package for the Social Sciences*).

⁶ Anexo VI

4. Resultados

4.1 Estatística descritiva e análise das diferenças

4.1.1 Caracterização dos resultados do LACA (Louvain Loneliness and Aloneness Scale for Children and Adolescents)

A escala LACA é constituída por 48 itens divididos em 4 subescalas com 12 itens cada. Estas escalas avaliam a solidão em relação aos pais (S-Pais), a solidão na relação com os pares (S-Pares), a aversão à solidude (S-Aversão) e a afinidade à solidude (S-Afinidade). Os resultados relativos à experiência de solidão na relação com os pais, a solidão na relação com pares e a afinidade e aversão à solidude, encontram-se no seguinte quadro 3 onde podem ser verificadas as médias, desvios-padrão e os valores mínimos e máximos nas médias das subescalas.

Quadro 3. Médias, desvio-padrão, Mínimos e Máximos das médias das subescalas do LACA

Solidão	M	DP	Mínimo	Máximo
S-Pais	3,38	0,434	2	5
S-Pares	1,91	0,628	1	4
S-Aversão	3,08	0,603	1	4
S-Afinidade	3,05	0,582	1	5

De acordo com a leitura do quadro 3, podemos constatar que apesar de não haver diferenças significativas entre as médias das subescalas do LACA, a subescala da solidão na relação com os pais encontra-se mais elevada que as restantes com uma média de 3,38 e desvio padrão de 0,434. Desta forma, a amostra revela maiores défices na relação pais-filho quanto à capacidade de corresponder às necessidades de proximidade emocional, afeto ou segurança (Goossens, & Marcoen, 1999). A escala de aversão à solidude apresenta valores superiores à subescala de afinidade à solidude ainda que se trate de uma diferença muito reduzida (M=3,08 e M=3,05 respetivamente). Nos

dados recolhidos, a subescala referente à solidão em relação aos pares é a que apresenta a média mais baixa (M= 1,91).

Os resultados obtidos relativamente à experiência de solidão na relação com os pais, a solidão na relação com os pares e a afinidade e aversão à solidude, foram relacionadas com o sexo dos participantes através de um Teste T⁷ para amostras independentes, uma vez que foram confirmados os pressupostos de normalidade e homogeneidade das variâncias. A amostra foi dividida em dois grupos, o grupo 1 corresponde aos adolescentes do sexo feminino e o grupo 2 aos adolescentes do sexo masculino. Nos resultados obtidos não existem diferenças significativas ao nível das subescalas do LACA e o sexo dos participantes.

De modo a apurar os resultados relativos à idade dos adolescentes, as variáveis foram correlacionadas através de um Teste T⁸ para amostras independentes, uma vez que foram confirmados os pressupostos de normalidade e homogeneidade das variâncias. A variável idade em anos foi dividida em 2 grupos. O grupo 1 correspondente a adolescentes com idades compreendidas entre os 14 e 15 anos e o grupo 2 correspondem a adolescentes com idades compreendidas entre os 16 e 17 anos. Não foi registada nenhuma diferença significativa entre as variáveis em estudo, ou seja não há diferenças entre as subescalas do LACA e a idade dos adolescentes.

Para avaliação da experiência de solidão na relação com os pais, a solidão na relação com os pares e a afinidade e aversão à solidude em função do nível socioeconómico dos pais, foi utilizado um teste não paramétrico, o Teste *Kruskal-Wallis*⁹ para amostras independentes pois não se encontram reunidos os pressupostos da normalidade e/ou igualdade das variâncias. Os dados relativos aos pais que se encontram reformados ou desempregados foram excluídos dos resultados. Contudo, não se obtiveram diferenças significativas entre as subescalas do LACA e o nível socioeconómico de ambos os pais.

Para a avaliação da experiência de solidão na relação com os pais, a solidão na relação com os pares e a afinidade e aversão à solidude em função do agregado familiar

⁷ Os resultados encontram-se em anexo (Anexo VII)

⁸ Os resultados encontram-se em anexo (Anexo VIII)

⁹ Os resultados encontram-se em anexo (Anexo IX)

foi utilizado um teste não paramétrico, o Teste *Mann-Whitney* para amostras independentes pois as variáveis não cumprem aos pressupostos de normalidade e/ou homogeneidade das variâncias. A variável correspondente ao agregado familiar foi dividida em 2 grupos, o grupo 1 correspondente a adolescentes que vivem com ambos os pais e o grupo 2, onde estão agrupados os adolescentes que moram apenas com um dos pais ou com ambos os pais alternadamente, bem como os adolescentes que vivem com os avós.

Quadro 4. Apresentação dos resultados relativos ao Teste *Mann-Whitney* para o agregado familiar em função das subescalas do LACA

	1 (n = 71) <i>Ordem de Média</i>	2 (n = 59) <i>Ordem de Média</i>	<i>U</i>
S-Pais	64,47	66,74	2021,5
S-Pares	63,23	68,24	1933,0
S-Aversão	58,9	73,44	1626,0
S-Afinidade	64,75	66,4	2041,5

*p < 0,05

- 1- Adolescentes que vivem com ambos os pais 2- Adolescentes que moram com um dos pais, ambos os pais alternadamente ou com os avós

De acordo com os dados figurados no quadro 4, há diferenças significativas entre os adolescentes que vivem com ambos os pais e a aversão à solidude, $U = 1626$, $p = 0,028$. Os adolescentes que vivem com um dos pais, com ambos os pais alternadamente ou com os avós relatam maior aversão à solidude.

4.1.2 Caracterização dos resultados do EMBU-A (Parental Rearing Style Questionnaire for use with Adolescents)

A escala EMBU-A é constituída por 48 itens agrupados em 3 dimensões: Suporte Emocional, Sobreproteção e Rejeição. Os resultados obtidos estão figurados no quadro

5 onde se encontram as médias, desvios-padrão, mínimos e máximos das médias de cada subescala para o pai e para a mãe separadamente.

Quadro 5. Médias, Desvio-padrão, Mínimo e Máximo das médias das subescalas do EMBU-A

Médias das subescalas	M	DP	Mínimo	Máximo
<u>PAI</u>				
Suporte emocional	1,82	0,70	1	4
Sobreproteção	2,54	0,59	1	4
Rejeição	3,57	0,44	2	4
<u>MÃE</u>				
Suporte emocional	1,56	0,50	1	4
Sobreproteção	2,27	0,47	1	3
Rejeição	3,56	0,44	2	4

A análise dos resultados permite perceber que as subescalas de rejeição para ambos os pais são as mais elevadas (pai: $M = 3,57$; mãe: $M = 3,56$) e as de suporte emocional as que se encontram mais baixas (pai: $M = 1,82$; mãe: $M = 1,56$). Comparando as médias das médias das subescalas de ambos os pais é possível ainda observar que as médias referentes ao pai são superiores às relativas à mãe, ainda que se trate de uma diferença muito reduzida. Estes resultados sugerem que há uma maior percepção da rejeição por parte do pai e da mãe, e menor percepção do suporte emocional.

Os resultados obtidos relativamente às dimensões suporte emocional, sobreproteção e rejeição para ambos os pais foram relacionados com o sexo dos participantes através de um Teste T para amostras independentes, uma vez que foram confirmados os pressupostos de normalidade e homogeneidade das variâncias. A amostra foi dividida em dois grupos, o grupo 1 corresponde aos adolescentes do sexo feminino e o grupo 2 aos adolescentes do sexo masculino.

Quadro 6. Apresentação dos resultados relativos ao Teste T para a variável sexo em relação às práticas parentais

Práticas paternas

	1	2	
	(n = 86)	(n = 44)	
	Média (DP)	Média (DP)	
			<i>t</i> (128)
Suporte emocional	1,79 (0,68)	1,87 (0,76)	-0,636
			<i>t</i> (128)
Sobreproteção	2,48 (0,58)	2,64 (0,61)	-1,464
			<i>t</i> (128)
Rejeição	3,58 (0,42)	3,55 (0,50)	0,330

1- Feminino 2- Masculino

Práticas maternas

	1	2	
	(n = 86)	(n = 44)	
	Média (DP)	Média (DP)	
			<i>t</i> (128)
Suporte emocional	1,54 (0,49)	1,60 (0,54)	-0,678
			<i>t</i> (128)
Sobreproteção	2,21 (0,42)	2,39 (0,55)	-2,162
			<i>t</i> (128)
Rejeição	3,51 (0,45)	3,65 (0,42)	-1,699

2- Feminino 2- Masculino

* $p < 0,05$

Os resultados dispostos no quadro 6 mostram que há diferenças moderadas entre o sexo masculino e a subescala de sobreproteção da mãe, $r = -2,162$, $p = 0,032$. Os adolescentes do sexo masculino relatam maiores percepções de sobreproteção em relação à mãe.

De modo a apurar os resultados relativos à idade dos adolescentes foi utilizado um teste não paramétrico, o Teste *Mann-Whitney*¹⁰ para amostras independentes pois as

¹⁰ Os resultados encontram-se em anexo (Anexo X)

variáveis não cumprem os pressupostos de normalidade e/ou homogeneidade. A variável idade foi dividida em 2 grupos. O grupo 1 correspondente a adolescentes com idades compreendidas entre os 14 e 15 anos e o grupo 2 correspondem a adolescentes com idades compreendidas entre os 16 e 17 anos. Nos dados apurados não se regista nenhuma diferença significativa entre as variáveis em estudo, ou seja não há diferenças entre as subescalas do EMBU-A e a idade dos adolescentes.

Em relação à análise em função do nível socioeconómico do pai e da mãe, foi utilizado um teste não paramétrico, o Teste *Kruskal-Wallis*¹¹ para amostras independentes pois as variáveis não cumprem aos pressupostos de normalidade e/ou homogeneidade das variâncias. Os dados relativos aos pais que se encontram reformados ou desempregados foram excluídos dos resultados. Os resultados apurados demonstram que não são observadas diferenças entre as dimensões em estudo.

Relativamente aos resultados do agregado familiar foi utilizado um teste não paramétrico, o Teste *Mann-Whitney*¹² para amostras independentes pois as variáveis não cumprem aos pressupostos de normalidade e/ou homogeneidade. O variável agregado familiar foi igualmente dividida em dois grupos. O grupo 1 corresponde a adolescentes que vivem com ambos os pais e o grupo 2 agrupa os adolescentes que moram apenas com um dos pais ou com ambos os pais alternadamente, bem como os adolescentes que vivem com os avós. Contudo, não se obtiveram resultados significativos.

No que concerne a existência ou não de irmãos, foi utilizado um Teste *Mann-Whitney* para amostras independentes pois as variáveis não cumprem os pressupostos de normalidade e/ou homogeneidade das variâncias. Foram formados dois grupos, o grupo 1 onde se encontram os adolescentes que têm não irmãos, e o grupo 2 onde estão agrupados os adolescentes que têm 1 ou mais irmãos.

¹¹ Os resultados encontram-se em anexo (Anexo XI)

¹² Os resultados encontram-se em anexo (Anexo XII)

Quadro 7. Apresentação dos resultados relativos ao Teste *Mann-Whitney* para a variável existência ou não de irmãos em relação às práticas parentais

Práticas paternas

	1	2	
	(n = 30)	(n = 100)	
	<i>Ordem de Média</i>	<i>Ordem de Média</i>	
			<i>U</i>
Suporte emocional	62,15	66,51	1399,5
Sobreproteção	59,07	67,43	1307
Rejeição	75,53	62,49	1199

1- Não tem irmãos 2- Tem 1 ou mais irmãos

Práticas maternas

	1	2	
	(n = 30)	(n = 100)	
	<i>Ordem de Média</i>	<i>Ordem de Média</i>	
			<i>U</i>
Suporte emocional	59	67,45	1305
Sobreproteção	63,83	66	1450
Rejeição	83,22	60,19	968,5

1-Não tem irmãos 2- Tem 1 ou mais irmãos

* $p < 0,05$

Os resultados figurados no quadro 7 traduzem uma diferença significativa entre os adolescentes que não têm irmãos e a percepção de práticas de rejeição maternas, $U = 968,5$, $p = 0,003$. Os adolescentes que não têm irmãos relatam maior percepção de práticas maternas de rejeição.

4.2 Análise das correlações entre as subescalas do LACA e do EMBU-A

Os resultados obtidos na escala *Parental Rearing Style Questionnaire for use with Adolescents* (EMBU-A) nas subescalas de suporte emocional, sobreproteção e rejeição para ambos os pais, foram correlacionadas (Coeficiente de correlação de *Pearson*) com as subescalas de solidão na relação com os pais, solidão na relação com os pares e as subescalas de aversão e afinidade em relação à solidude da escala *Louvain Loneliness and Aloneness Scale for Children and Adolescents* (LACA) encontrando-se dispostos no quadro 8.

Quadro 8. Correlação de *Pearson* entre as médias das subescalas do LACA e EMBU-A

	Pai			Mãe						
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Pai										
1.										
2.	0,336**									
3.	-0,487**	0,297**								
Mãe										
4.	0,390**	-0,049	-0,432**							
5.	-0,040	0,619**	0,258**	-0,014						
6.	-0,256**	0,083	0,529**	-0,688**	0,202*					
7.	-0,464**	0,057	0,481**	-0,571**	0,095	0,438**				
8.	-0,135	-0,181*	-0,110	0,121	-0,031	-0,128	0,145			
9.	-0,049	-0,124	-0,037	-0,081	-0,014	0,004	0,151	0,289**		
10.	-0,012	-0,100	-0,109	0,124	-0,090	-0,118	0,066	0,462**	0,006	

* $p \leq .05$; ** $p \leq .01$

1- Suporte emocional pai 2- sobreproteção pai 3- rejeição pai 4- suporte emocional mãe 5- Sobreproteção mãe 6- rejeição mãe 7- S-Pais 8- S-Pares 9- S-Aversão 10- S-Afinidade

De seguida irão ser analisadas as correlações entre as subescalas do EMBU-A relativamente ao pai e à mãe, depois serão analisadas as correlações entre as subescalas do LACA e por fim procederemos à análise conjunta dos dois instrumentos.

A observação dos resultados patentes no quadro 8 permitem perceber uma correlação significativa positiva entre a subescala de suporte emocional do pai e a subescala de sobreproteção do pai, $r = 0,336$, $p = 0,00$. Podemos ainda constatar uma correlação significativa negativa da subescala de rejeição paterna com a subescala de suporte emocional, $r = -0,487$, $p = 0,00$, e uma correlação positiva com a subescala de sobreproteção, $r = 0,297$, $p = 0,001$.

Relativamente às dimensões maternas, podemos observar uma relação significativa positiva entre as subescalas de suporte emocional materna e suporte emocional paterno, $r = 0,390$, $p = 0,00$. A mesma subescala encontra-se ainda correlacionada de forma negativa com a subescala de rejeição paterna, $r = -0,432$, $p = 0,00$. A subescala de sobreproteção materna está positivamente correlacionada de forma significativa com a escala de sobreproteção paterna, $r = 0,619$, $p = 0,00$, bem como com a subescala de rejeição paterna, $r = 0,258$, $p = 0,003$.

A subescala de rejeição da mãe encontra-se relacionada positivamente e de forma significativa com a subescala de rejeição do pai, $r = 0,529$, $p = 0,00$. A mesma subescala apresenta correlações negativas significativas com a subescala de suporte emocional do pai, $r = -0,256$, $p = 0,003$, e suporte emocional materno, $r = -0,688$, $p = 0,00$. A subescala de rejeição materna encontra-se ainda correlacionada positivamente de forma moderada com a subescala de sobreproteção materna, $r = 0,202$, $p = 0,021$.

Relativamente às subescalas do LACA, a subescala de aversão à solidão encontra-se positivamente correlacionada com a subescala de solidão na relação com os pares, $r = 0,289$, $p = 0,00$. Há ainda uma correlação positiva significativa entre a subescala de afinidade à solidão e a subescala de solidão na relação com os pares, $r = 0,462$, $p = 0,000$.

A subescala de solidão na relação com os pais está negativamente correlacionada de forma significativa com as subescalas de suporte emocional tanto do pai como da

mãe ($r = -0,464$, $p = 0,000$ e $r = -0,571$, $p = 0,000$ respectivamente). Assim, maior suporte emocional dos pais levará a menos percepção de solidão na relação com os pais.

Por outro lado, esta mesma subescala encontra-se positivamente correlacionada de forma significativa com as subescalas de rejeição para ambos os pais (pai: $r = 0,481$, $p = 0,000$; mãe: $r = 0,438$, $p = 0,000$). A subescala de solidão na relação com os pais está correlacionada negativamente de forma moderada com a subescala de sobreproteção paterna $r = -0,181$, $p = 0,039$.

5. Discussão

A adolescência obriga a uma reorganização do mundo dos adolescentes. É deles esperado um aumento da rede social e simultânea maturação na formação de relações de intimidade (Bastos, 2005), tornando-os mais vulneráveis a diversos acontecimentos angustiantes nomeadamente, à solidão. A solidão, enquanto deficiência nas relações sociais da pessoa, é uma experiência subjetiva e aversiva, (Perlman, & Peplau, 1984) trata-se de um estado transiente de caráter recorrente e persistente que o torna uma ameaça ao funcionamento psicológico e saúde mental do jovem. A solidão enquanto fenómeno multidimensional pode ser vista na relação parental como resultado de falhas no relacionamento com os pais onde estes não satisfazem as necessidades do jovem de segurança e afeto. Neste período conturbado, as relações estabelecidas com os pais são na sua maioria conflituosas sendo esta conflituosidade característica do movimento psicoafectivo (Marcelli & Braconnier, 2005).

Tal como mostrado na literatura, também os dados recolhidos na presente investigação demonstram valores superiores na experiência de solidão na relação com os pais. Os pais são percebidos como incapazes de corresponder às necessidades de proximidade emocional, afeto ou segurança (Goossens, & Marcoen, 1999), revelando desta forma um défice no relacionamento com os filhos. O adquirir da autonomia e individuação, características deste período, leva a um novo estilo de vida. Contudo, o padrão relacional da família não pressupõe a separação dos laços, mas antes uma renegociação entre separação e proximidade. Este equilíbrio pode ser difícil levando ao surgir de sentimentos de alienação e solidão nos adolescentes. A presente investigação está de acordo com resultados apurados por Larson e colaboradores (Larson, & Richards, 1989; Larson, Richards, Moneta, Holmbeck, & Duckett, 1996) onde é revelando que os adolescentes passam mais tempo com os pares e menos tempo com a família, referindo que é junto da família que os adolescentes sentem maiores níveis de solidão (em comparação com locais públicos ou escola).

As amizades são neste período de grande importância para o adolescente, o aumento da necessidade de intimidade e autorrevelação podem ser satisfeitas pelas relações próximas com os pares (Brennam, 1982). As amizades têm um papel protetivo importante no que diz respeito ao comportamento desviante, depressão e sentimentos de alienação (Schneider, Wiener, & Murphy, 1994; Bukowski, Newcomb, & Hartup, 1996). Observa-se ainda, uma forte relação entre solidão, desespero e conflito familiar que aumentam a predisposição à adoção de comportamentos de risco e autodestruição (Anderson, Woodward, & Armstrong, 2004; Webb, 2002).

Ao verificar a importância do contacto com o outro na vida do adolescente e a constatação da solidão enquanto experiência penosa decorrente de necessidades de contato não satisfeitas, é possível perceber também os níveis superiores (ainda que sejam muito pouco significativos) relativos à forma como é vivida a solidão, em que predomina o medo em estar só associado a sentimentos de mal-estar quando não tem companhia (Marcoen, Goossens, & Caes, 1987). Desta forma, são confirmadas as 2 primeiras hipóteses do presente estudo que afirmavam haver maiores valores referentes à experiência de solidão na relação com os pais do que na relação com os pares, bem como que haveria maiores valores referentes à aversão à solidão.

A observação dos resultados descritos anteriormente permite perceber a forma como o adolescente vive este período, este sair da “concha fusional familiar” (Fleming, 2005, p. 25) que embora seja um processo necessário, é sentido como doloroso. Há uma ambivalência entre o desejo de se desvincular e o de se aproximar às figuras de vinculação, “sente-se atravessado por forças que o puxam em sentidos contrários, por um lado o desejo de ficar no espaço de proteção da família e manter a sua vinculação aos pais e por outro lado o desejo de partir e aumentar os comportamentos exploratórios” (Fleming, 2005, p. 28).

Este processo pressupõe a passagem de um mundo mais infantil, de uma visão que tinha do mundo, para uma nova forma de estar que se organiza à volta do sentimento de liberdade e independência. Ainda assim, o jovem precisa de se sentir ligado por um sistema confiante para proceder ao processo de separação-indivuação. Para aprender a pensar por si próprio e a cuidar de si precisa de ter um vínculo seguro com a figura de vinculação, quando isto não acontece temem perder o amor do objeto por desejarem separar-se dele recuando na tarefa de individuação. Os problemas nas

relações entre pais e filhos promovem a vulnerabilidade à solidão produzindo padrões relacionais inseguros (Minzi, & Sacchi, 2004).

Relativamente à experiência de solidão em função do género dos adolescentes, que segundo Marcoen e Brumagne (1985) e Avery (1982) seria maior nos rapazes do que nas raparigas, devido à percepção da atenção recebida e por estes possuírem menos capacidade de dar a conhecer os seus desejos e necessidades, não é verificada na presente investigação (hipótese 3 não confirmada). Não são encontradas diferenças significativas ao nível do sexo dos adolescentes tal como em estudos anteriores que utilizaram o LACA (Marcoen, Goossens, & Caes, 1987).

Também quanto às idades, ao contrário do referido na literatura onde os adolescentes mais novos (entre 11 e 13 anos) que estão a passar pelo processo de separação dos pais, demonstram-se mais incomodados em estar sozinhos considerando-o negativo (Buchholz, 1997, citado em Corsano, Majorano, & Champretavy, 2006; Corsano, Majorano, & Champretavy, 2006; Perlman, 1991, citado em Bastos, 2005), na presente investigação não são encontradas diferenças significativas. Importa no entanto salientar estudos como o de Goossens e colaboradores (1998, citado em Bastos, 2005), Marcoen, Goossens e Caes (1987) ou Avery (1982) em que não são igualmente encontradas diferenças significativas quanto às idades dos adolescentes e à experiência de solidão. Assim, a hipótese 4 desta investigação não é igualmente verificada.

Estes resultados obtidos poderão ficar a dever-se ao facto da amostra possuir grupos de género pequenos e pouco homogéneos. A amostra contava com 86 raparigas e apenas 44 rapazes, sendo que existem grupos etários em que a representação é muito reduzida (apenas 13,6% dos rapazes têm 16 anos), é uma grande discrepância que poderá em parte, ser uma justificação para estes resultados. Estudos futuros em que seja utilizada uma amostra maior e mais homogénea poderão ser mais esclarecedores neste campo.

No que concerne ao agregado familiar e à vivência da experiência de solidão, estudos anteriores mostram que viver com pais separados pode levar a dificuldades de adaptação psicológicas (Braconnier, 2002). O divórcio cria alterações no sistema familiar e nas relações entre os seus membros aumentando o risco de deterioração dos laços (Guttman & Rosenberg, 2003), podendo levar ao aumento dos sentimentos de

rejeição entre os pais e os filhos e quanto a eles próprios (Johnson, Joseph, La Voie, & Mahoney, 2001).

A literatura mostra que as crianças filhas de pais divorciados estão em desvantagem não só quanto à solidão mas também quanto à satisfação com a vida (Pardeck, Brown, Christian, Schnurbusch, Shrum, & Terrell 1991; Zullig, Valois, Huebner, & Drane, 2005) à comunicação com os progenitores, ansiedade, raiva, auto-estima e adaptação (Brage, & Meredith, 1993; Fiyakali, 2008; Goodman, & Pickens, 2001; Guttman, & Rosenberg, 2003; Mahon, Yarcheski, & Yarcheski, 2003; Öztürk, 2006; Sardoğan, Karahan, Dicle, & Menten, 2007, citado em Çivitci, Çivitci, & Fiyakali, 2009). Os dados resultantes desta investigação estão em concordância com as afirmações anteriores, demonstrando que o facto de viverem com ambos os pais ou não, influencia a forma como a solidão é vivida levando à confirmação da hipótese apresentada (hipótese 6). No entanto, a experiência de solidão na relação com os pais não foi verificada como sendo superior em famílias com os pais separados/divorciados, pelo que não se verificou a hipótese 5. Estes resultados poderão em parte, ficar a dever-se ao facto de amostra ser pouco representativa (divorciados n = 61).

O nível socioeconómico, descrito na literatura como fator crítico que influencia a falha no envolvimento dos pais com a criança (Ackerman, Brown, & Izard 2003; Conger, Conger, Elder, Lorenz, Simons, & Whitbeck, 1992; Danziger, & Radin, 1990), não apresenta resultados significativos na presente investigação, rejeitando-se igualmente a hipótese 7. As diferenças culturais entre a amostra deste estudo e as dos estudos anteriores podem justificar os resultados aqui encontrados, a solidão é vivida de forma diferente entre culturas tanto nas formas de perceção como na forma que a experienciam e se adaptam (A. Rokach, comunicação pessoal, Agosto de 2002).

As diferentes subescalas do LACA revelam uma correlação positiva entre a afinidade e a aversão à solidão e a experiência de solidão na relação com os pais. Investigações anteriores mostram que a solidão está mais relacionada com a perceção que o sujeito tem em relação às suas relações do que características objetivas e quantitativas das relações, (Cultrona, 1982), isto é, os adolescentes sentem-se mais sós quando não têm apoio social ou quando este é percebido como insuficiente. Os presentes resultados reforçam que, se por um lado a experiência de solidão pode ser vivida como uma experiência dolorosa e angustiante, pode para outros adolescentes ser

parte de uma necessidade desenvolvimental necessária à maturação e construção da sua identidade. Desta forma, esta investigação reforça o construto de que a solidão é independente e não oposta à solidão, como confirmado em investigações anteriores (Jones et al., 1985, citado em Bastos, 2005).

A presente amostra retrata uma percepção dos pais como utilizadores de práticas modificadoras de comportamentos dos filhos sentidas como uma influência para se comportarem de determinada forma através da utilização de castigos físicos ou privação de objetos, não tendo em conta as necessidades ou opiniões dos adolescentes (Rollins, & Thomas, 1979, citado em Almeida, 2005).

As práticas parentais negativas podem aumentar o risco de problemas de adaptação. Vários estudos mostram que a rejeição parental e a falta de cuidado estão relacionadas com a interiorização e exteriorização de problemas (Caron, Weiss, Harris, & Catron, 2006; Chen, Liu, & Li 2000; Gracia, Lila, & Musitu, 2005; Javo, Ronning, Heyerdahl, & Rudmin, 2004; Muris, Meesters, & Berg, 2003). Assim como está associado a baixo desempenho escolar e fracas competências sociais (Chen, Liu, & Li 2000). Pais mais intrusivos e controladores podem dificultar a individuação dos filhos (Teixeira, Oliveira, & Wottrich, 2006), Assim, seria de esperar os valores baixos encontrados relativamente ao suporte parental, onde a criança se sentiria confortável com os pais num clima de aprovação, encorajamento e carinho.

Relativamente à figura paterna não são encontradas diferenças significativas entre as variáveis sociodemográficas e as diferentes dimensões abordadas. Contudo, quanto às diferentes dimensões entre si, podemos constatar que os comportamentos de grande proteção e indutores de stress e adversidade estão relacionados com comportamentos de suporte emocional. Por outro lado, e como seria esperado, percepções dos adolescentes de práticas parentais de rejeição surgem quando há menor suporte emocional.

Quanto à figura materna, são encontradas diferenças entre os adolescentes do género masculino, mostrando que estes demonstram maiores percepções de práticas maternas de sobreproteção. Estes dados são encontrados na literatura onde a figura materna é muitas vezes descrita como mais aberta à comunicação, como figura mais presente com quem os filhos sentem mais reciprocidade e empatia (LeCroy, 1988; Youniss, & Smollar, 1985; Noller, & Callan, 1990; Ellis-Schwabe, & Thornburg, 1986).

São apuradas também diferenças ao nível da existência de irmãos, onde adolescentes que não têm irmãos relatam maior percepção de práticas maternas de rejeição.

É interessante observar que a percepção de práticas sobreprotetivas por parte da mãe estão relacionadas positivamente com as práticas de sobreproteção do pai, assim como com as de rejeição paterna, isto sugere que a vivência de relações de sobreproteção maternas pode levar a percepções idênticas das relações paternas ou opostas.

Os dados apurados nesta investigação permitem observar uma relação entre a experiência de solidão na relação com os pais e a dimensão de suporte emocional materna e paterna. Podemos perceber que mediante práticas parentais de suporte emocional será menor a experiência de solidão na relação com os pais. O apoio parental, a qualidade de comunicação e a empatia iriam promover experiências relacionais com os pais mais positivas, diminuindo a solidão. Traços de personalidade positivos como a empatia, auto-estima positiva, auto-controlo e bem-estar psicológico, surgem de relações entre a criança e um pai/mãe envolvido (Evans, & Fogarty, 1999). Como seria de esperar, esta mesma experiência de solidão aumenta se as práticas parentais forem percebidas como rejeitantes, levando à confirmação das hipóteses apresentadas por esta investigação (hipóteses 8 e 10). Estes dados foram verificados por diversas pesquisas anteriores (Roekel, Scholte, Verhagen, Goossens, & Engels, 2010; Gentzler, Oberhauser, Westerman, & Nadorff, 2011).

As experiências de solidão nas relações com os pares estão associadas a percepções de práticas paternas de sobreproteção. É assim demonstrado que maiores percepções de práticas de sobreproteção paternas estão associadas a menor experiência de solidão na relação com os pares. As relações com os pares são os fatores mais importantes ao nível da solidão, em grande parte devido à importância dada às relações interpessoais durante a adolescência (Uruk, & Demir, 2003). Os pais têm o papel, desde a infância precoce, de criar laços seguros que permitam à criança desenvolver sentimentos de proteção e segurança. Do mesmo modo, é função dos pais promover condições propícias ao processo de separação-individação, tornando-os “pais internos” que não desaparecem mesmo quando ausentes (Fleming, 2005, p. 23), permitindo à criança iniciar comportamentos de exploração do ambiente e integrar-se no meio sociocultural circundante (Fleming, 2005). Apesar da parentalidade mais restritiva e

controladora poder ser interpretada como um treino para os compromissos da vida social, garantir a autonomia fornece ao jovem liberdade para aprender através da interação com os outros (Minzi, 2006). Apesar das práticas parentais serem sentidas como comportamentos parentais de grande proteção e indutores de stress e adversidade, refletem a existência de um pai presente e empenhado na relação com o filho promotor de um autoconceito positivo do adolescente que contribui para relações satisfatórias com os pares (Bell, Avery, Jenkins, Feld & Schcenrock, 1985). A aceitação ou rejeição dos pares é influenciado por fatores como as características pessoais, as capacidades cognitivas ou comportamentos sociais, aprendidos numa boa relação parental (Conger, 1991, citado em Uruk & Demir, 2003).

Tendo em conta os resultados observados, a hipótese 9 é confirmada parcialmente, uma vez que é evidenciado apenas uma relação entre as práticas de sobreproteção paternas (ao contrário de práticas de sobreproteção de ambos os pais como hipotetizado) com a experiência de solidão na relação com os pares.

6. Conclusão

A presente investigação tem como objetivo principal contribuir para a compreensão da forma como o adolescente se relaciona e vive as experiências de solidão. Assim, pretende-se perceber a relação entre a experiência de solidão vivida na relação com os pais e pares e o significado que o adolescente atribui à experiência de estar só (aversão e afinidade à solidão) associada à percepção das práticas educativas parentais nas suas dimensões de suporte emocional, sobreproteção e rejeição.

A revisão de literatura efetuada demonstra que a parentalidade é necessária como suporte do processo maturativo da puberdade em que o sujeito é exposto a transformações corporais e experiências sentidas como angustiantes. A vinculação aos pais é uma característica que acompanha o ser humano do nascimento à morte (Bowlby,1971), as relações com a criança vão promover expectativas e pressupostos acerca de si e dos outros que podem influenciar a sua competência social e o seu desenvolvimento emocional (Skolnick,1986, citado em Ribeiro & Sousa, 2002). Desta forma, os vínculos afetivos precoces com os pais iriam influenciar a capacidade do adolescente em estabelecer vínculos afetivos no futuro (Bowlby, 1971).

Como descrito anteriormente, os pais têm o papel de criar laços seguros que permitam à criança desenvolver sentimentos de proteção e segurança, bem como devem igualmente promover condições propícias ao processo de separação-individação, tornando-os “pais internos” que não desaparecem mesmo quando ausentes (Fleming, 2005, p. 23), permitindo à criança iniciar comportamentos de exploração do ambiente e integrar-se no meio sociocultural circundante (Fleming, 2005).

A solidão, enquanto fenómeno multidimensional, pode ser vista na relação parental como resultado de falhas no relacionamento com os pais onde estes não satisfazem as necessidades do jovem de segurança e afeto (DiTommaso, & Spinner,

1997). Pode também ser vista na relação com os pares surgindo quando ocorrem défices na capacidade dos pares de satisfazer as necessidades do jovem de companhia e partilha.

Perante a solidão podem ser assumidas atitudes positivas em que o estar só é desejado ou podem ser assumidas atitudes negativas associadas a sentimentos de solidão e desejo de evitar esses sentimentos. São independentes mas não opostos, podem ocorrer em simultâneo ou não e ser alvo de mudanças à medida que se modificam as necessidades do individuo (Bastos, 2005).

A principal conclusão a que este estudo permite chegar, caracteriza-se pela relação entre a experiência de solidão na relação com os pais e a dimensão de suporte emocional materna e paterna. Podemos perceber que mediante práticas parentais de suporte emocional será menor a experiência de solidão na relação com os pais. Como seria de esperar, esta mesma experiência de solidão aumenta se as práticas parentais forem percebidas como rejeitantes. Esta investigação acrescenta ainda que as experiências de solidão nas relações com os pares estão associadas a perceções de práticas paternas de sobreproteção.

A solidão quer esteja relacionada com a ausência de relações íntimas, com conflitos parentais ou com dificuldades de integração num grupo de pares, é um sentimento doloroso e angustiante percebido pelos adolescentes em algum momento das suas vidas (McWhirter, 1990). Anteriormente foram diversos os estudos que procuraram perceber a solidão associada a fatores como perturbações psicológicas, abuso de substâncias, práticas sexuais de risco, comportamento agressivo, ansiedade (Rokach et al., 2001; Saluja et al., 2004), tendências suicidas (Killen, 1998; McWhirter, 1990; Rokach et al., 2001), bem como a diversa literatura sobre a associação à vinculação aos pais (Goossens et al., 1998, citado em Bastos, 2005; Minzi, 2006; Cassidy & Berlin, 1999), à construção da identidade (Marcoen, & Goossens, 1993) e às diferenças individuais na autoconsciência (Goossens, & Marcoen, 1999).

Este estudo demonstra um caráter inovador na medida em que procura perceber a relação entre as experiências de solidão em função dos comportamentos com conteúdos específicos que têm o objetivo de socializar o indivíduo influenciando o seu desenvolvimento. Assim, esta investigação apresenta-se como um âmbito de estudo importante quer ao nível da compreensão da forma como é vivida na adolescência, quer na prevenção de situações de maior vulnerabilidade.

Quanto à presente investigação podem ser apontadas algumas limitações que podem ter dificultado o apuramento de outras relações entre as variáveis. A dimensão da amostra era reduzida, bem como havia notavelmente mais adolescentes do sexo feminino do que masculino. Também a distribuição das idades não era proporcional. O facto da aplicação dos questionários ser realizada em ambiente de sala de aula pode por si só, ser distrator e proporcionar condições adversas a respostas mais sinceras e ponderadas. Estudos futuros poderão desenvolver mais aprofundadamente a temática aqui estudada utilizando uma amostra de maiores dimensões e diminuindo o número e frequência de distractores durante a aplicação dos questionários, possivelmente realizando as aplicações num ambiente com número de adolescentes mais reduzido.

Seria também interessante como linha de investigação, acrescentar um instrumento que medisse as manifestações das fases do processo de separação-indivuação de forma a perceber que influência pode ter na experiência e atitude face à solidão.

Referências bibliográficas

- Ackerman, B. P., Brown, E., & Izard, C. E. (2003). Continuity and change in levels of externalising behavior in school of children from economically disadvantaged families. *Child Development, 74*, 694–709.
- Allen, J. P., & Hauser, S. T. (1996). Autonomy and relatedness in adolescent–family interactions as predictors of young adults’ states of mind regarding attachment. *Development and Psychopathology, 8*, 793-809.
- Almaça, I.C.P. (2009). *A constelação fraternal: auto-estima, padrão de vinculação e percepção das práticas parentais no adolescente*. Tese de Mestrado, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Amato, P. R., & Keith, B. (1991). Parental divorce and the well-being of children: A meta-analysis. *Psychological Bulletin, 110*(1), 26-46.
- Almeida, M. I. (2005). *A percepção das práticas parentais pelos adolescentes: Implicações na percepção de controlo e nas estratégias de coping*. Tese de Mestrado, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Anderson, M., Woodward, L., & Armstrong, M. (2004). Self-harm in young people: a perspective for mental health nursing care. *International Nursing Review, 51*(4), 222-8.
- Asher, S.R., Hymel, S., & Renshaw, P.D. (1984). Loneliness in children. *Child Development, 55*, 1456-1464.
- Avery, A. (1982). Escaping loneliness in adolescence: the case for androgyny. *Journal of Youth and Adolescence, 11*, 451-459.
- Baker, Ö.E. & Bugay, A. (2011). Mediator and moderator role of loneliness in the relationship between peer victimization and depressive symptoms. *Australian Journal of Guidance and Counseling, 21*(2), 175-185. doi: 10.1375/ajgc.21.2.175
- Bastos, M.T., Figueira, F.O., & Costa, M.E. (2001/2002). Avaliação da solidão nos jovens universitários portugueses. *Cadernos de Consulta Psicológica, 17* (18), 69-81.

- Bastos, M.S.T. (2005). *A solidão e os processos de vinculação nos jovens e sua inter-relação com a utilização da internet*. Tese de Doutorado, Universidade do Porto, Porto.
- Bell, N.J., Avery, A.W., Jenkins, D., Feld, J., & Schoenrock, C.J. (1985). Family relationships and social competence during late adolescence. *Journal of Youth and adolescence, 14*, 109-119.
- Blos, P. (1967). The second individuation process of adolescence. In P. Blos (Ed.), *The psychanalytic study of the child* (pp. 162-186). New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1971). *Attachment and loss: Attachment*. England: Pelican Book.
- Braconnier, A. (2002). *O guia da adolescência* (T. A. Correia, Trans.). Lisboa: Prefácio. (obra original publicada 1999).
- Braconnier, A., & Marcelli, D. (2000). *As mil faces da adolescência*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Brennan, T. (1982). Loneliness at adolescence. In L.A Peplau & D. Perlman (Eds.), *Loneliness: A sourcebook of current theory, research and therapy* (pp. 269-290). New York: Wiley-Interscience.
- Buchholz, E.S. & Catton, R. (1999). Adolescents' perceptions of aloneness and loneliness. *Adolescence, 34*(133), 204-213.
- Bukowski, W. M., Newcomb, A. F., & Hartup, W. W. (1996). *The company they keep: Friendship in childhood and adolescence*. New York: Cambridge University Press.
- Caron, A., Weiss, B., Harris, V., & Catron, T. (2006). Parenting behavior dimensions and child psychopathology: specificity, task dependency, and interactive relations. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology, 35*, 34-45. doi:10.1207/s15374424jccp3501_4.
- Carrascal, G.C. & Caro-Castillo, C.V. (2009). Soledad en la adolescencia: análisis del concepto. *Aquichan, 9*(3), 281-296.
- Cassidy, J., & Berlin, L. (1999). Understanding the origins of childhood loneliness: contributions of attachment theory. In K. J. Rotenberg & S. Hymel (Eds.),

Loneliness in childhood and adolescence (pp.34-55). New York: Cambridge University Press.

Chen, X., Liu, M., & Li, D. (2000). Parental warmth, control, and indulgence and their relations to adjustment in Chinese children: a longitudinal study. *Journal of Family Psychology, 14*, 401-419. doi:10.1037/0893-3200.14.3.401

Coimbra de Matos, A. (Eds). (2012). *Adolescência*. Lisboa: Climepsi Editores.

Conger, R.D., Conger, K.J., Elder, G.H., Lorenz, F.O., Simons, R.L., & Whitbeck, L.B. (1992). A family process model of economic hardship and adjustment of early adolescent boys. *Child Development, 63*(3), 526-541.

Cordeiro, J. C.D. (1988). *Os adolescentes por dentro*. Lisboa: Edições Salamanka.

Corsano, P., Majorano, M., & Champretavy, L. (2006). Psychological well-being in adolescence: the contribution of interpersonal relations and experience of being alone. *Adolescence, 41*(162), 342-351.

Costa, F.T. d., Teixeira, M.A.P., & Gomes, W.B. (2000). Responsividade e exigência: duas escalas para avaliar estilos parentais. *Psicologia: Reflexão e Critica, 13*(3), 465-473. doi: 10.1590/S0102-79722000000300014

Cultrona, C.E. (1982). Transition to college: Loneliness and the process of social adjustment. In L. Peplau & D. Perlman (Eds.), *Loneliness: A sourcebook of current theory, research and therapy* (pp. 291-309). New York: Wiley-Interscience.

Danziger, S.K., & Radin, N. (1990). Absent does not equal uninvolved: predictors of fathering in teen mother families. *Journal of Marriage and the Family, 52*, 636-642.

Deckard, K. (2001). Annotation: Recent research examining the roles of peer relationships in the development of psychopathology. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 42*, 565-579.

Demir, A., & Tarhan, N. (2001). Loneliness and social dissatisfaction in Turkish adolescents. *The Journal of Psychology, 135*(1), 113-123.

- Dhal, A., Bhatia, S., Sharma, V., & Gupta, P. (2007). Adolescent self-esteem, attachment and loneliness. *Journal of Indian Association for Child and adolescent Mental Health*, 3 (3), 61-63.
- DiTommaso, E., & Spinner, B. (1997). Social and emotional loneliness: a re-examination of Weiss' typology of loneliness. *Personality and Individual Differences*, 22(3), 417-427. doi: 10.1016/S0191-8869(96)00204-8
- Eccles, J.S., Midgley, C., Wigfield, A., Buchanan, C.M., Reuman, D., Flanagan, C., & Mac Iver, D. (1993). Development during adolescence the impact of stage-environment fit on young adolescents' experiences in school and in families. *American Psychologist*, 48(2), 90-101. doi: 10.1037/0003-066X.48.2.90
- Eldeleklioglu, J. (2008). Gender, romantic relationship, internet use, perceived social support and social skills as the predictors of loneliness. *Eurasian Journal of Educational Research*, 33, 127-140.
- Ellis-Schwabe, M., & Thornburg, H.D. (1986). Conflict areas between parents and their adolescents. *The Journal of Psychology*, 120(1), 59-68.
- Erikson, E. (1976). *Infância e Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Erözkan, A. (2009). The predictors of loneliness in adolescents. *Elementary Education Online*, 8(3), 809-819.
- Eshbaugh, E.M. (2010). Friend and family support as moderators of the effects of low romantic partner support on loneliness among college women. *Individual Differences Research*, 8(1), 8-16.
- Evans, G.D., & Fogarty, K. (1999). *The hidden benefits of being an involved father*. Recuperado em 18 de Outubro, 2012, de <http://edis.ifas.ufl.edu/he137>
- Faustino, S.P.M.M. (2009). *Contributo ao estudo do funcionamento mental na delinquência juvenil com base no processo de separação-individação*. Tese de Mestrado, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Ferreira, M., & Nelas, P.B. (2006). Adolescências... Adolescentes... *Revista do Instituto Superior Politécnico de Viseu*, 32, 141-162.

- Fleming, M. (2005). *Entre o medo e o desejo de crescer - Psicologia da adolescência*. Porto: Edições Afrontamento.
- Gentzler, A.L., Oberhauser, A.M., Westerman, D., & Nadorff, D.K. (2011). College students' use of electronic communication with parents: links to loneliness, attachment, and relationship quality. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, *14*(1-2), 71-74. doi: 10.1089/cyber.2009.0409
- Goossens, L., & Marcoen, A. (1999). Relationships during adolescence: constructive vs. negative themes and relational dissatisfaction. *Journal of Adolescence*, *22*, 65-79. doi: 10.1006/jado.1998.0201
- Gracia, E., Lila, M., & Musitu, G. (2005). Rechazo parental y ajuste psicologico y social de los hijos. *Salud Mental*, *28*, 73-81.
- Guttman, J., & Rosenberg, M. (2003). Emotional intimacy and children's adjustment: a comparison between single-parent divorced and intact families. *Educational Psychology*, *23*(4), 457-472. doi: 10.1080/01443410303213
- Heinrich, L.M., & Gullone, E. (2006). The clinical significance of loneliness: a literature review. *Clinical Psychology Review*, *26*(6), 695-718.
- Hill, J. P. (1980). The family. In M. Johnson & K. J. Rehg (Eds.), *Toward adolescence: The middle school years* (79th Yearbook of the National Society for the Study of Education, pp. 32-55). Chicago: University of Chicago Press.
- Javo, C., Ronning, J. A., Heyerdahl, S., & Rudmin, F. W. (2004). Parenting correlates of child behavior problems in a multiethnic community sample of preschool children in northern Norway. *European Child and Adolescent Psychiatry*, *13*, 8-18. doi:10.1007/s00787-004-0349-3
- Johnson, H.D., La Voie, J.C., & Mahoney, M. (2001). Interparental conflict and family cohesion predictors of loneliness, social anxiety, and social avoidance in late adolescence. *Journal of Adolescent Research*, *16*(3), 304-318. doi: 10.1177/0743558401163004
- Jong Gierveld, J. (1998) A review of loneliness: concepts and definitions, determinants and consequences. *Reviews in Clinical Gerontology*, *8*, 73-80.

- Killeen, C. (1998). Loneliness: An epidemic in modern society. *Journal of Advanced Nursing*, 28, 762–770.
- Kochanska, G., Kuczynski, L., & Radke-Yarrow, M. (1989). Correspondence between mothers' self-reported and observed child-rearing practices. *Child Development*, 60, 56-63.
- Larson, R., & Richards, M.H. (1989). Introduction: The changing life space of early adolescence. *Journal of Youth and adolescence*, 18(6), 501-509.
- Larson, R.W. (1990). The solitary side of life: an examination of time people spend alone from childhood to old age. *Developmental Review*, 10, 155-183.
- Larson, R.W., Richards, M.H., Moneta, G., Holmbeck, G., & Duckett, E. (1996). Changes in adolescents' daily interactions with their families from ages 10 to 18: disengagement and transformation. *Developmental Psychology*, 32(4), 744-754.
- LeCroy, C. W. (1988). Parent-adolescent intimacy: impact on adolescent functioning. *Adolescence*, 23, 137-147.
- Le Roux, A. (2009). The relationship between adolescents' attitudes toward their fathers and loneliness: A cross-cultural study. *Journal of Child and Family Studies*, 18, 219-226. doi: 10.1007/s10826-008-9222-1
- Lila, T.F.V.B. (2009). *Auto-estima e percepção das práticas parentais na fase final da adolescência*. Tese de Mestrado, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Maccoby, E., & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In E. M. Hetherington (Ed.), P. H. Mussen (Series Ed.), *Handbook of child Psychology: Vol. 4. Socialization, personality, and social development* (pp. 1-101). New York: Wiley.
- Marcelli, D., & Braconnier, A. (2005). *Adolescência e psicopatologia*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Marcoen, A., & Brumagne, M. (1985). Loneliness among children and young adolescents. *Developmental Psychology*, 21(6), 1025-1031.

- Marcoen, A., & Goossens, L. (1993). Loneliness, attitude towards aloneness, and solitude: age, differences and developmental significance during adolescence. In S. Jackson, & H. Rodriguez-Tomé (Eds), *Adolescence and its social worlds* (pp. 197-227). Hove, UK: Erlbaum.
- Marcoen, A., Goossens, L., & Caes, P. (1987). Loneliness in pre-through late adolescence: exploring the contributions of a multidimensional approach. *Journal of Youth and Adolescence*, 16(6), 561- 577.
- Martins, C. (2011). *Manual de análise de dados quantitativos com recursos ao IBM SPSS: Saber decidir, fazer, interpretar e redigir*. Braga: Psiquilibrios Edições.
- Matos, M. (2005). *Adolescência, representação e psicanálise*. Lisboa: Climepsi.
- McWrither, B.T.(1990). Loneliness: a review of current literature, with implications for counseling and research. *Journal of Counselling and Development*, 68, 417-422.
- Minzi, M.C.R.d., & Sacchi, C. (2004). Adolescent loneliness assessment. *Adolescence*, 39(156), 702-709.
- Minzi, M.C.R.d. (2006). Loneliness and depression in middle and late childhood: the relationship to attachment and parental styles. *The Journal of Genetic Psychology*, 167(2), 189-210.
- Muris, P., Meesters, C., & van der Berg, S. (2003). Internalizing and externalizing problems as correlates of self-reported attachment style and perceived parental rearing in normal adolescents. *Journal of Child and Family Studies*, 12, 171-183. doi:10.1023/A:1022858715598.
- Neto, F. (1992). Loneliness among Portuguese adolescents. *Social Behavior and Personality*, 20(1), 15-22.
- Neto, F., & Barros, J. (2000). Psychosocial concomitants of loneliness among students of Cape Verde and Portugal. *The Journal of Psychology*, 134(5), 503-514.
- Neto, F., & Barros, J. (2001). Solidão em diferentes níveis etários. *Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, 3, 71-88.
- Noller, P., & Callan, V. (1990). Adolescents' perceptions of the nature of their

- communication with parents. *Journal of Youth and Adolescence*, 19, 349-362.
- Papalia, D.E., Olds, S.W., & Feldman, R.D. (2001). *O mundo da criança*. Lisboa: Editora McGraw-Hill de Portugal.
- Pardeck, J. T., Brown, C., Christian, B., Schnurbusch, M., Shrum, L., & Terrell, D.(1991). Family structure and life satisfaction. *Family Therapy*, 18(1), 11-15.
- Parish, T. S., & McCluskey, J. J. (1992). The relationship between parenting styles and young adults' self-concepts and evaluations of parents. *Adolescence*, 27, 915-918.
- Parker, J. G., & Asher, S. R. (1987). Peer relations and later personal adjustment: Are low-accepted children at risk? *Psychological Bulletin*, 102, 357-389.
- Parker, J.G., & Asher, S.R. (1993). Friendship and friendship quality in middle childhood: links with peer group acceptance and feelings of loneliness and social dissatisfaction. *Developmental Psychology*, 29, 611-621.
- Parkhurst, J.T. & Hopmeyer, A. (1999). Developmental change in the sources of loneliness in childhood and adolescence: construction a theoretical model. In K.J.Rotenberg & S. Hymel (Eds.), *Loneliness in childhood and adolescence* (pp. 56-79). New-york: Cambridge University Press.
- Peplau, L.A., & Perlman, D. (1982). *Loneliness: a sourcebook of current theory, research and therapy*. New York: Wiley-Interscience.
- Pereira, A.I.F., Canavarro, C., Cardoso, M.F., & Mendonça, D. (2009). Patterns of parental rearing styles and child behavior problems among Portuguese school-aged children. *Journal of Child and Family Studies*, 18, 454-464. doi: 10.1007/s10826-008-9249-3
- Perlman, D., & Peplau, L.A. (1984). Loneliness research: a survey of empirical findings. In L.A. Peplau & S.Goldston (Eds.), *Preventing the harmful consequences of severe and persistent loneliness*. (pp. 13-46). U.S Government Printing Office, DDH Publications.
- Petrowski, K., Berth, H., Schmidt, S., Schumacher, J., Hinz, A., & Brähler, E. (2009). The assessment to life satisfaction and interpersonal problems: a general

- population study. *BMC Medical Research Methodology*, 9(17), 1-9. doi: 10.1186/1471-2288-9-17
- Qualter, P. (2003). Loneliness in children and adolescents: what do schools and teacher need to know and how can they help? *Pastoral Care*, 10-16.
- Qualter, P., Brown, S.L., Munn, P., & Rotenberg, K. J. (2010). Childhood loneliness as a predictor of adolescent depressive symptoms: an 8-year longitudinal study. *European Child & Adolescence Psychiatry*, 19, 493-501. doi: 10.1007/s00787-009-0059-y
- Ribeiro, J.L.P., & Sousa, M. (2002). Vinculação e comportamentos de saúde: estudo exploratório de uma escala de avaliação da vinculação em adolescentes. *Análise Psicológica*, 1(xx), 67-75.
- Roekel, E.V., Scholte, R.H.J., Verhagen, M., Goossens, L., & Engels, R.C.M.E. (2010). Loneliness in adolescence: gene x environment interactions involving the serotonin transporter gene. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 51(7), 747-754. doi: 10.1111/j.1469-7610.2010.02225.x
- Rokach, A., Orzeck, T., Cripps, J., Lackovic-Grgin, K., & Penezic, Z.(2001). The effects of culture on the meaning of loneliness. *Social Indicators Research*, 53, 17–31.
- Rotenberg, K.J. (1994). Loneliness and interpersonal trust. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 13(2), 152-173. doi: 10.1521/jscp.1994.13.2.152
- Saluja, G., Iachan, R., Scheidt, P. C., Overpeck, M. D., & Giedd, J. N. (2004). Prevalence of and risk factors for depressive symptoms among young adolescents. *Archives of Pediatrics and Adolescent Medicine*, 158, 760–765. doi:10.1001/archpedi.158.8.760
- Sampaio, D. (1995). *Inventem-se novos pais*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Sampaio, D. (2006). *Lavrar o mar – um novo olhar sobre o relacionamento entre pais e filhos*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Schneider, B. H., Wiener, J., Murphy, K. (1994). Children's friendships: the

- giant step beyond acceptance. *Journal of Social and Personal Relationships*, 11, 323-340. doi: 10.1177/0265407594113001
- Smith, C.L., Calkins, S.D., Keane, S.P., Anastopoulos, A.D., & Shelton, T.L. (2004). Predicting stability and change in toddler behavior problems: contributions of maternal behavior and child gender. *Developmental Psychology*, 40(1), 29-42.
- Steinberg, L., Lamborn, S., Dornbusch, S., & Darling, N. (1992). Impact of parenting practices on adolescent achievement: Authoritative parenting, school involvement, and encouragement to succeed. *Child Development*, 63, 1266-1281.
- Steinberg, L. (2001). We know some things: parent-adolescent relationships in retrospect and prospect. *Journal of Research on Adolescence*, 11(1), 1-19. doi: 10.1111/1532-7795.00001
- Sullivan, H.S. (1953). *The interpersonal theory of psychiatry*. New York: Norton.
- Teixeira, M., Oliveira, A., & Wottrich, S. (2006). Escalas de Práticas Parentais (EPP): Avaliando dimensões de práticas parentais em relação a adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(3), 433-441.
- Toledo, S. (2009). Diálogo tónico: A silenciosa comunicação mãe-bebé. *Caderno de Psicanálise*, 31(22), 193-205.
- Uruk, A.C., & Demir, A. (2003). The role of peers and families in predicting the loneliness level of adolescents. *The Journal of Psychology : Interdisciplinary and Applied*, 137(2), 179-193. doi : 10.1080/00223980309600607
- Webb, L. (2002). Deliberate self-harm in adolescence: a systematic review of psychological and psychosocial factors. *Journal of Advanced Nursing*, 38(3), 235-44.
- Winnicott, D. (1958). *De la pédiatrie à la Psychanalyse*. Paris: Payot.
- Young (1982). Loneliness, depression and cognitive therapy: theory and application. In L.A. Peplau & D. Perlman (Eds.), *Loneliness: A sourcebook of current theory, research and therapy* (pp. 379-405). New York: Wiley-Interscience.

Youniss, J., & Smollar, J. (1985). *Adolescent relations with mothers, fathers and friends*. Chicago: University of Chicago Press.

Zullig, K.J., Valois, R.F., Huebner, E.S., & Drane, J.W. (2005). Associations among family structure, demographics, and adolescent perceived life satisfaction. *Journal of Child and Family Studies, 14*, 195-206. doi: 10.1007/s10826-005-5047-3

Anexo I - Frequência e média das idades dos adolescentes em função do sexo

Frequência e média das idades dos adolescentes em função do sexo

	Frequência	Média
Feminino		
14 Anos	22	25,6
15 Anos	21	24,4
16 Anos	26	30,2
17 Anos	17	19,8
Masculino		
14 Anos	13	29,5
15 Anos	12	27,3
16 Anos	6	13,6
17 Anos	13	29,5

Anexo II: Classificação do nível socioeconómico

Classificação do Nível Socioeconómico do Agregado Familiar (Simões, 1994)

NSE Baixo

Trabalhadores, assalariados, por conta de outrem, trabalhadores não especializados da indústria e da construção civil, empregados de balcão no pequeno comércio, contínuos, cozinheiros, empregados de mesa; empregados de limpeza, pescadores, rendeiros, trabalhadores agrícolas, vendedores ambulantes, trabalhadores especializados da indústria (mecânicos, electricistas), motoristas; até ao 8º ano de escolaridade obrigatória;

NSE Médio

Profissionais técnicos intermédios independentes, pescadores proprietários de embarcações, empregados de escritório, de seguros e bancários; agentes de segurança, contabilistas; enfermeiros, assistentes sociais; professores de ensino básico e secundário; comerciantes e industriais; do 9º ao 12º ano de escolaridade; cursos médios e superiores;

NSE Elevado

Grandes proprietários ou empresários agrícolas, do comércio e da indústria; quadros superiores da administração pública, do comércio, da indústria e de serviços, profissionais liberais (gestores, médicos, magistrados, arquitectos, engenheiros, economistas, professores do ensino superior); artistas; oficiais superiores das forças militares e militarizadas; pilotos da aviação; do 4º ano de escolaridade (de modo a incluir grandes proprietários e empresários) à licenciatura, mestrado ou doutoramento.

Anexo III: Questionário sociodemográfico

Este questionário destina-se à investigação no âmbito da dissertação de Mestrado em Psicologia (Psicologia Dinâmica e da Saúde) na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, com o tema “ **A capacidade de estar só e a percepção das práticas parentais na adolescência**” a ser realizada por Daniela Cardoso. Os dados recolhidos são totalmente confidenciais e serão apenas usados para fins de investigação.

Idade _____ Sexo _____

Indica apenas se:

Vives com ambos os pais: Sim Não

Vives só com a mãe: Sim Não

Vives só com o pai: Sim Não

Os teus pais estão divorciados: Sim Não

Outras situações não especificadas _____

Pai

Mãe

Idade: _____

Idade: _____

Profissão: _____

Profissão: _____

Escolaridade: _____

Escolaridade: _____

Tens irmãos? Sim _____ Não _____

Que idades? _____

Anexo IV: Dimensões do LACA

S-Pais

1. Sinto que tenho uma forte ligação afetiva aos meus pais
3. Os meus pais reservam parte do seu tempo para me dar atenção
9. Sinto-me posto (a) de parte pelos meus pais
13. Os meus pais dão-me apoio
15. Acho muito difícil conversar com os meus pais
30. Sinto que os meus pais e eu devemos ficar sempre juntos
31. Os meus pais partilham os mesmos interesses que eu
35. Os meus pais mostram-se realmente interessados em mim
39. Em casa, sinto-me bem
44. A relação que tenho com os meus pais é muito boa
45. Os meus pais estão sempre disponíveis para me ouvir e ajudar
48. Eu duvido que os meus pais realmente gostem de mim

S-Pares

4. Acho que tenho menos amigos que as outras pessoas
6. Sinto-me excluído (a) pelos meus colegas de turma
8. Gostaria de estar melhor integrado (a) na minha turma
14. Temo que os outros não me aceitem no grupo
19. Na escola, sinto-me sozinho (a)
22. Acho que não tenho nenhum amigo (a) com quem possa desabafar inteiramente
27. Sinto-me abandonado (a) pelos meus amigos
33. Sinto-me triste porque os meus amigos não querem estar comigo
38. Sinto-me triste porque não tenho amigos
41. É para mim muito difícil fazer amigos
42. Sinto-me isolado (a) das outras pessoas
46. Sinto-me abandonado (a) pelo meu grupo de amigos

S-Aversão

7. Quando estou sozinho (a), sinto-me aborrecido (a)
10. Quando me sinto sozinho (a), tento procurar alguns amigos
12. Quando estou aborrecido (a), sinto-me infeliz
18. Para me divertir, tenho de estar com os meus amigos
20. Quando me sinto sozinho (a), o tempo custa a passar e nenhuma atividade me atrai
24. Quando estou sozinho (a), gostaria de ter outras pessoas à minha volta
26. Quando estou aborrecido (a), procuro um amigo (a)
28. Sinto-me triste quando tenho de fazer alguma coisa sozinho (a)
32. Quando me sinto sozinho (a), eu próprio (a) procuro alguém
34. Quando estou aborrecido (a), sinto-me sozinho (a)
40. Quando estou sozinho (a), sinto-me mal
43. Quando me sinto sozinho (a) não sei o que fazer

S-Afinidade

2. Isolo-me dos outros para fazer coisas que dificilmente podem ser feitas com um grande número de pessoas
5. Eu quero estar sozinho (a)
11. Anseio por um momento para estar sozinho (a)
16. Quando estou sozinho (a), isolo-me para refletir sobre isso
17. Quando discuto com alguém, preciso de estar sozinho (a) para pensar sobre isso
21. Por vezes, estar só acalma-me
23. Para refletir seriamente sobre determinados assuntos, prefiro estar sozinho (a)
25. Agrada-me quando fico sozinho (a) em casa, pois posso aproveitar esse tempo para refletir
29. Para fazer certas coisas, eu preciso estar sozinho (a)
36. Estar sozinho (a) dá-me coragem e força para continuar
37. Em casa procuro momentos para estar só, para que possa fazer coisas por mim próprio (a)
47. Procuro distanciar-me dos outros, porque eles me perturbam com o seu barulho

Anexo V: Dimensões do EMBU-A

SUPORTE EMOCIONAL

2. Os teus pais demonstram que gostam de ti?
8. Mesmo quando fazes uma coisa estúpida, depois consegues fazer as pazes com os teus pais
9. Os teus pais abraçam-te?
15. Se a tua vida não corre bem, os teus pais tentam ajudar-te ou consolar-te?
18. Os teus pais demonstram interesse pelas tuas notas escolares?
19. Sentes que os teus pais te ajudam se tiveres que fazer alguma coisa difícil?
21. Sentes que os teus pais gostam de ti?
23. Os teus pais mostram claramente que gostam de ti?
24. Pensas que os teus pais têm a tua opinião em consideração?
25. Sentes que os teus pais gostam de estar contigo?
28. Sentes que os teus pais tentam que tenhas uma juventude feliz durante a qual possas aprender muitas coisas diferentes (Ex: livros, excursões, etc.)?
29. Os teus pais elogiam-te?
32. Se te sentes infeliz, podes contar com a ajuda e compreensão dos teus pais?
36. Os teus pais aceitam-te tal como tu és?
40. Os teus pais interessam-se pelos teus passatempos ou por aquilo que gostas de fazer?
44. Achas que eu e o teu pai/mãe gostam um dos outros?
45. Os teus pais permitem que tu tenhas uma opinião diferente da deles?
46. Se fazes uma coisa bem feita, sentes que os teus pais têm orgulho em ti?
48. Sentes que os teus pais demonstram que gostam de ti, por exemplo, abraçando-te?

SOBREPROTEÇÃO

1. Os teus pais interferem em tudo o que fazes?
6. Os teus pais pensam que tu tens de te esforçar para ires mais longe na vida?
12. Os teus pais proibem-te de fazeres coisas que os teus colegas estão autorizados a fazer, porque têm medo que te aconteça alguma coisa?
14. Os teus pais preocupam-se com o que tu fazes depois das aulas?
17. Se fizeres alguma coisa sem autorização, os teus pais reagem de tal modo que começas a sentir-te culpado?
22. Os teus pais pensam que tens de ser o melhor em tudo?
27. Tens de dizer aos teus pais o que estiveste a fazer quando chegas a casa?
30. Sentes-te culpado porque te comportas de um modo que os teus pais desaprovam?
31. Sentes que os teus pais têm expectativas muito elevadas em relação ao teu desempenho escolar, desportivo, etc.
43. Achas que os teus pais estão sempre com medo que te aconteça alguma coisa?

Rejeição

3. Os teus pais gostariam que fosses diferente?
4. Já te aconteceu os teus pais não falarem contigo durante algum tempo depois de fazeres alguma coisa errada?
5. Os teus pais castigam-te por coisas sem importância?
7. Pensas que os teus pais gostariam que fosses diferente?

10. Achas que os teus pais gostam mais dos teus irmãos ou irmãs do que de ti?
11. Sentes que os teus pais são mais injustos contigo do que com os teus irmãos?
13. Os teus pais humilham-te na presença de outras pessoas?
16. Os teus pais castigam-te mais do que tu mereces?
20. Os teus pais tratam-te como a “ovelha negra” da família?
26. Tens a sensação de que os teus pais não têm tempo para ti?
33. És castigado pelos teus pais mesmo quando não fizeste nada de errado?
34. Os teus pais dizem coisas desagradáveis a teu respeito a outras pessoas, por exemplo, que és preguiçoso ou difícil?
35. Quando acontece alguma coisa, os teus pais culpam-te?
37. Os teus pais alguma vez lidam contigo de um modo duro e pouco amigável?
38. Os teus pais castigam-te muito, mesmo por coisas sem importância?
39. Os teus pais já te deram uma bofetada sem razão?
41. Os teus pais batem-te?
42. Os teus pais tratam-te de maneira que te sentes inferiorizado?
47. Os teus pais já te mandaram para a cama sem comer?

Anexo VI: Autorização dirigida aos encarregados de educação

Lisboa, ... de ... de 2012

Exmo(a). Senhor(a) Encarregado de Educação;

No âmbito da investigação que estou a realizar “**A capacidade de estar só e a percepção das práticas parentais na adolescência**”, sob a orientação da Prof. Doutora Constança Biscaia, no contexto da minha dissertação de Mestrado em Psicologia (Psicologia Dinâmica e da Saúde), da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, solicito a sua autorização para que o seu educando/a possa colaborar através do do preenchimento de 2 questionários. Estes pretendem medir a percepção dos adolescentes sobre as práticas parentais e a forma como se relacionam e vivem as experiências de solidão e o significado que lhes atribui. Os dados recolhidos no decorrer do estudo são totalmente confidenciais e serão apenas usados para fins de análise estatística. Não será registada qualquer informação pessoal identificativa dos participantes, garantindo-se o anonimato das mesmas.

Se pretender receber informação acerca dos resultados da investigação, peço que a solicite para o seguinte endereço de email (daniela.cardoso@campus.ul.pt).

Agradeço desde já a colaboração do seu educando/a

Com os melhores cumprimentos,

Daniela Filipa Coutinho Cardoso

Eu, _____, autorizo / não autorizo
que o meu educando _____, a
participar na investigação.

Observações: _____

Anexo VII: Análise das diferenças entre as subescalas do LACA e o sexo dos adolescentes

Apresentação dos resultados relativos ao Teste T para o sexo

	1	2	
	(n = 88)	(n = 44)	
	<i>Média (DP)</i>	<i>Média (DP)</i>	
S-Pais	3,39 (0,398)	3,35 (0,502)	t (128) 0,497
S-Pares	1,84 (0,509)	2,05 (0,801)	t (128) -1,836
S-Aversão	3,11 (0,630)	3,03 (0,549)	t (128) 0,699
S-Afinidade	2,99 (0,534)	3,16 (0,657)	t (128) -1,592

1- Feminino 2- Masculino

Anexo VIII: Análise das diferenças entre as subescalas do LACA e a idade dos adolescentes

Apresentação dos resultados relativos ao Teste T para a idade

	1 (<i>n</i> = 68) <i>Média</i> (DP)	2 (<i>n</i> = 62) <i>Média</i> (DP)	
S-Pais	40,44 (5,66)	40,61 (4,70)	t (-.187) 0,852
S-Pares	22,46 (7,67)	23,50 (7,41)	t (-.787) 0,433
S-Aversão	37,85 (6,37)	36,08 (8,02)	t (1.40) 0,164
S-Afinidade	35,62 (7,85)	37,73 (5,72)	t (-.1.73) 0,085

1- Adolescentes com idades entre 14 e 15 anos 2- Adolescentes com idades entre 16 e 17 anos

Anexo IX: Análise das diferenças entre as subescalas do LACA e o nível socioeconómico dos pais

Apresentação dos resultados relativos ao Teste *Kruskal-Wallis* para a variável nível socioeconómico paterno

	1 (n = 56) <i>Ordem de Média</i>	2 (n = 45) <i>Ordem de Média</i>	3 (n = 20) <i>Ordem de Média</i>	X ²
S-Pais	56,38	63,40	68,53	2,113
S-Pares	56,06	65,28	65,20	2,071
S-Aversão	63,65	58,30	59,65	0,618
S-Afinidade	61,38	60,86	60,28	0,016

1- Nível socioeconómico baixo 2- Nível socioeconómico médio 3- Nível socioeconómico alto

Apresentação dos resultados relativos ao Teste *Kruskal-Wallis* para a variável nível socioeconómico materna

	1 (n = 69) <i>Ordem de Média</i>	2 (n = 50) <i>Ordem de Média</i>	3 (n =) <i>Ordem de Média</i>	X ²
S-Pais	57,69	62,66	63,93	0,758
S-Pares	55,17	62,59	72,29	4,189
S-Aversão	57,54	59,67	68,52	1,639
S-Afinidade	58,51	62,38	61,62	0,315

1- Nível socioeconómico baixo 2- Nível socioeconómico médio 3- Nível socioeconómico alto

Anexo X: Análise das diferenças entre as subescalas do EMBU-A ao nível da idade dos adolescentes

Apresentação dos resultados relativos ao Teste *Mann-Whitney* para a variável idade relativamente às práticas paternas

	1	2	
	(n = 68)	(n = 62)	
	<i>Ordem de Média</i>	<i>Ordem de Média</i>	
			<i>U</i>
Suporte emocional	65,26	65,76	2092
Sobreproteção	60,78	70,68	1787
Rejeição	60,46	71,02	1765,5

2- Adolescentes com 14 e 15 anos 2- Adolescentes com 16 e 17 anos

Apresentação dos resultados relativos ao Teste *Mann-Whitney* para a variável idade relativamente às práticas maternas

	1	2	
	(n = 71)	(n = 59)	
	<i>Ordem de Média</i>	<i>Ordem de Média</i>	
			<i>U</i>
Suporte emocional	68,49	62,23	1905
Sobreproteção	63,41	67,79	1966
Rejeição	60,65	70,82	1778

1- Adolescentes com 14 e 15 anos 2- Adolescentes com 16 e 17 anos

Anexo XI: Análise das diferenças entre as subescalas do EMBU-A em relação ao nível socioeconómico

Apresentação dos resultados relativos ao Teste *Kruskal-Wallis* para a variável nível socioeconómico do pai relativamente às práticas paternas

	1	2	3	X^2
	(n = 56)	(n = 45)	(n = 20)	
	<i>Ordem de Média</i>	<i>Ordem de Média</i>	<i>Ordem de Média</i>	
Suporte emocional	65,48	60,87	48,75	3,360
Sobreproteção	62,04	60,42	59,38	0,105
Rejeição	55,34	65,92	65,78	2,723

1- Nível socioeconómico baixo 2- Nível socioeconómico médio 3- Nível socioeconómico alto

Apresentação dos resultados relativos ao Teste *kruskal-Wallis* para a variável nível socioeconómico do pai relativamente às práticas maternas

	1	2	3	X^2
	(n = 56)	(n = 45)	(n = 20)	
	<i>Ordem de Média</i>	<i>Ordem de Média</i>	<i>Ordem de Média</i>	
Suporte emocional	68,38	54,88	54,13	4,637
Sobreproteção	65,33	56,11	59,88	1,757
Rejeição	55,84	70,69	53,65	5,536

Apresentação dos resultados relativos ao Teste *Kruskal-Wallis* para a variável nível socioeconómico da mãe relativamente às práticas paternas

	1	2	3	X ²
	(n = 69)	(n = 29)	(n = 21)	
	<i>Ordem de Média</i>	<i>Ordem de Média</i>	<i>Ordem de Média</i>	
Suporte emocional	65,25	55,41	49,10	4,214
Sobreproteção	64,73	58,47	46,57	4,556
Rejeição	62,21	57,60	56,05	0,701

1- Nível socioeconómico baixo 2- Nível socioeconómico médio 3- Nível socioeconómico alto

Apresentação dos resultados relativos ao Teste *kruskal-Wallis* para a variável nível socioeconómico da mãe relativamente às práticas maternas

	1	2	3	X ²
	(n = 69)	(n = 29)	(n = 21)	
	<i>Ordem de Média</i>	<i>Ordem de Média</i>	<i>Ordem de Média</i>	
Suporte emocional	62,51	60,05	51,69	1,590
Sobreproteção	65,04	57,10	47,45	4,475
Rejeição	64,02	51,86	58,02	2,626

Anexo XII: Análise das diferenças entre as subescalas do EMBU-A em relação ao agregado familiar

Apresentação dos resultados relativos ao Teste *Mann-Whitney* para a variável agregado familiar relativamente às práticas paternas

	1 (n = 71) <i>Ordem de Média</i>	2 (n = 59) <i>Ordem de Média</i>	<i>U</i>
Suporte emocional	66,38	64,44	2032
Sobreproteção	65,37	65,65	2085,5
Rejeição	64,64	66,53	2033,5

1- Adolescentes que vivem com ambos os pais 2- Adolescentes que moram com um dos pais, ambos os pais alternadamente ou com os avós

Apresentação dos resultados relativos ao Teste *Mann-Whitney* para a variável agregado familiar relativamente às práticas maternas

	1 (n = 68) <i>Ordem de Média</i>	2 (n = 62) <i>Ordem de Média</i>	<i>U</i>
Suporte emocional	62,08	69,62	1851,5
Sobreproteção	62,89	68,64	1909,5
Rejeição	63,57	67,82	1957,5

1- Adolescentes que vivem com ambos os pais 2- Adolescentes que moram com um dos pais, ambos os pais alternadamente ou com os avós